

Lúcio Morvan Machado Goularte

**O ISOLAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS NA POLÍTICA EXTERNA DO
GOVERNO DONALD TRUMP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Ms. Mariana D. Corbellini

Santa Cruz do Sul

2023

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar como a política isolacionista adotada pelo presidente norte-americano Donald Trump, durante seu governo, impactou as relações externas do país e de maneira geral a nível internacional. Para esse fim, utiliza-se da Teoria do Realismo no campo de estudo das Relações Internacionais, usando como base as obras de Hans Morgenthau “A política entre as nações”, Edward Carr “Vinte anos de crise” e Raymond Aron “Paz e Guerra entre as Nações”. É utilizada também uma pesquisa documental baseada em declarações formais e informais de Trump, para que assim a análise de discurso do republicano seja elaborada. Com a eleição do republicano Donald Trump em 2016 para a presidência dos Estados Unidos, um magnata do mundo dos negócios de vários segmentos, as relações internacionais sofreram um grande impacto. Isso se deve por conta da anunciada política que Trump afirmou que seguiria durante seu mandato, de isolar os Estados Unidos do resto do mundo e focar apenas nos interesses nacionais norte-americanos. A partir da análise dessa política adotada por Trump, é possível verificar os acontecimentos marcantes de seu período como presidente e as suas tomadas de decisão, que reforçaram um posicionamento adverso da cooperação e do multilateralismo no sistema internacional. Nesse sentido, seu governo se voltou a práticas nacionalistas e ideológicas com um discurso pensado para atender as necessidades da população dos Estados Unidos e ao mesmo tempo, possivelmente, voltado aos interesses pessoais de Trump.

Palavras-chave: Isolacionismo. Donald Trump. Realismo. Política Externa do Estados Unidos. Relações Internacionais.

ABSTRACT

This monography aims to analyze how the isolationist policy adopted by US President Donald Trump, during his government, impacted the country's foreign relations and in general in the international level. To this end, the Theory of Realism is used in the field of study of International Relations, using as a basis the works of Hans Morgenthau "Politics Among Nations", Edward Carr "The Twenty Year's Crisis" and Raymond Aron's "Peace and War". It is also used a documental research based in Trump's formal and informal statements, so a discourse analysis of the republican can be elaborated. The election of Republican Donald Trump in 2016 to the presidency of the United States, a tycoon of the multi-segment business world, international relations suffered a great impact. This is due to the announced policy that Trump said he would pursue during his term of isolating the United States from the rest of the world and focusing only on American national interests. From the analysis of this policy adopted by Trump, it is possible to verify the remarkable events of his period as president and his decision-making, which strengthened an adverse position of cooperation and multilateralism in the international system. In this sense, his government returned to nationalist and ideological practices with a speech designed to meet the needs of the United States population and at the same time, possibly aimed at Trump's personal interests.

Keywords: Isolationism. Donald Trump. Realism. United States Foreign Policy. International relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
1.1	Problema de pesquisa	6
1.2	Hipóteses	6
1.3	Objetivos	7
1.3.1	Objetivo geral	7
1.3.2	Objetivos específicos.....	7
1.4	Justificativa.....	7
1.5	Metodologia.....	8
2	REALISMO, CONCEITOS E PRÁTICAS POLÍTICAS	11
2.1	O Realismo nas Relações Internacionais	11
2.2	O Nacionalismo e o Isolacionismo	15
2.3	O redirecionamento da política externa dos Estados	18
3	ANÁLISE DO REDIRECIONAMENTO DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS.....	23
3.1	A política externa de Donald Trump.....	24
3.2	A saída do Acordo de Paris	29
3.3	A Guerra de Narrativas com a Coreia do Norte.....	34
3.4	Tensões na Política Internacional	37
3.5	A guerra comercial dos Estados Unidos com a China.....	47
3.6	A pandemia do COVID-19	52
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
	REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Amplamente considerado como uma das maiores potências mundiais nos campos militar, econômico, político e cultural, os Estados Unidos da América (EUA) são sempre um ator importante quando se trata de assuntos internacionais. O final da Guerra Fria reforçou ainda mais a influência norte-americana ao redor do mundo, consolidando os Estados Unidos como a principal potência mundial durante um longo período após o conflito com a ex-União Soviética.

No entanto, a abordagem isolacionista adotada por Donald Trump, que refletia no lema principal de sua campanha para a presidência dos Estados Unidos “*Make America Great Again*”, optou por abster-se de assuntos externos importantes, redefinindo a política externa norte-americana.

De acordo com Robert Longley (2022), a prática do Isolacionismo nos Estados Unidos vem desde o período colonial, onde após se distanciarem da Europa, os novos colonizadores não queriam nenhum envolvimento com o velho continente por conta das restrições econômicas e religiosas impostas a eles nos períodos das guerras. Passando por George Washington, Thomas Jefferson e outros presidentes norte-americanos, o isolacionismo marcou o século XIX como sendo de grande prosperidade e crescimento industrial para os Estados Unidos. Nesse período, a política norte-americana era de evitar relações que pudesse prejudicar sua condição de poder, mas aos poucos foi sendo adaptada para um isolamento limitado. Até presidentes norte-americanos que podem ser considerados internacionalistas optaram por esse tipo de política externa. Franklin Roosevelt, durante a década de 1930, pré-Segunda Guerra Mundial, adotou ações que visavam solucionar os problemas internos dos Estados Unidos antes de qualquer envolvimento norte-americano na guerra, adotando a neutralidade bem como tinha feito Woodrow Wilson quando a Primeira Guerra teve seu estopim.

Nota-se que a ligação com o isolacionismo de líderes norte-americanos está relacionada com guerras ou conflitos. Desta maneira, torna-se justificável isolar-se para não sofrer perdas econômicas ou políticas. No entanto, guerras como a do Vietnã e do Golfo foram fortemente criticadas pela opinião pública e ainda assim, Lyndon Johnson e George Bush (pai) seguiram com as investidas. Isso resultou em um escalonamento dos conflitos internos e em um custo gigantesco aos cofres norte-americanos. Estes acontecimentos evidenciam a importância norte-americana na

política internacional e como suas ações, tanto externas quanto internas, definem novos parâmetros e impactam o sistema internacional.

Após o 11 de setembro de 2001 e a declaração da Guerra contra o Terrorismo por Bush (filho), os movimentos isolacionistas perderam força nos Estados Unidos, já que os esforços norte-americanos estavam voltados as invasões no Oriente Médio. Posteriormente, com a nomeação do Democrata Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos, o isolacionismo deixou de ser uma opção, justamente pela política externa amplamente cooperativa e multilateral adotada por Obama durante seus dois mandatos.

Com isso, o redirecionamento que Trump promoveu nos assuntos internacionais durante seu mandato foi alvo de polêmicas e críticas, muito por conta das relações pré-estabelecidas por governos anteriores e por não se encaixar mais em um mundo globalizado, e que assim, sofreria com os impactos do isolamento dos norte-americanos da política internacional.

Dessa maneira, essa nova postura na política externa passou a trabalhar visando apenas os interesses norte-americanos no cenário internacional, afastando-se do multilateralismo adotado nos governos anteriores e optando por parcerias políticas e econômicas estritamente pontuais e que favorecessem majoritariamente os Estados Unidos. Essa mudança impactou diretamente o sistema internacional, redefinindo relações diplomáticas entre vários países e estabelecendo um novo momento das relações internacionais.

1.1 Problema de pesquisa

Como a política de isolamento do governo Trump impactou as relações externas dos Estados Unidos e de maneira geral no sistema internacional?

1.2 Hipóteses

- a) As políticas externas adotadas no governo Trump podem ser entendidas como maneiras de defender unicamente os interesses americanos a nível internacional, o qual não estava sendo feito anteriormente;

- b) A pandemia do COVID-19 impactou todos os países do mundo. Logo Trump teve que realocar seus esforços para políticas de condução da crise sanitária internamente e não pode trabalhar melhor em sua política externa.
- c) A renegociação de acordos comerciais nas relações internacionais americanas permitiu mais empregos aos americanos através de menos empresas barateando mão de obra no exterior;
- d) As ações isolacionistas evidenciaram a perda de influência do *status quo* americano nos campos econômico, com a ascensão da China e o desenvolvimento militar, com a Rússia.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar como a política de isolamento adotada no governo Trump impactou nas relações externas norte-americanas.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Expor os motivos para o isolamento dos Estado Unidos frente ao cenário internacional no Governo Trump;
- b) Identificar as ações de política externa mais importantes do governo e suas consequências nas relações internacionais;
- c) Apontar os principais acontecimentos internacionais e refletir sobre a posição dos Estados Unidos em relação a estes.

1.4 Justificativa

Mesmo já não possuindo mais a influência externa do final da Guerra Fria, onde se consolidou como liderança ocidental, os Estados Unidos ainda são considerados uma das maiores potências mundiais. Suas decisões e posições tomadas impactam relevantemente todos os países do mundo, que buscam sempre compreender como a política externa norte-americana será conduzida. Com a eleição de Donald Trump do partido Republicano em 2016 para a presidência dos Estados Unidos, houve uma incerteza neste assunto.

Dessa maneira, como forma de contribuir para o entendimento dessa política externa adotada, entendendo a importância de uma análise de conjuntura sobre as tomadas de decisão que levaram o isolamento norte-americano, esse trabalho se faz necessário para compreender o impacto das ações da política externa de Trump no cenário internacional e as consequências dessa nova postura.

O tema se faz prudente para compreender os impactos de ações isolacionistas de potências no sistema internacional a partir dessa mudança de abordagem nas relações exteriores. Academicamente o conceito de “poder” ainda é central nas relações internacionais, principalmente considerando a ascensão econômica e militar de países como China e Rússia. Assim, pode se interpretar que o ganho de poder continua sendo a meta principal dos Estados no mundo globalizado.

Além disso, a pesquisa abre possibilidade de estudos acadêmicos aprofundados sobre a relação dos acontecimentos globais mais importantes durante o período de 2017 a 2021, como a pandemia do COVID-19.

1.5 Metodologia

Esta pesquisa está baseada em um viés positivista e busca, através de uma metodologia qualitativa e uma base lógica hipotético-dedutiva no campo de estudo das Relações Internacionais, fazer uma análise da política externa do governo Donald Trump e como o isolacionismo adotado impactou os Estados Unidos frente o sistema internacional.

Para Antônio Carlos Gil (2008), o método hipotético-dedutivo é importante, pois permite ao autor estabelecer um processo da base lógica através de etapas para a identificação do problema, a criação das hipóteses, a análise de suas consequências e a tentativa de falseamento dessas conjecturas. Gil (2008) complementa falando sobre a grande aceitação por parte dos positivistas desse método, justamente por ser estabelecido como uma afirmação dos comportamentos naturais que servem como base da metodologia qualitativa.

O trabalho está baseado em uma pesquisa descritiva, visando a exploração da relação da política de Trump e seus impactos, suportado por uma pesquisa bibliográfica de autores com viés da teoria realista das Relações Internacionais, devido a suas ideias de proteção do Estado, defesa dos interesses nacionais e manutenção de poder e *status quo*, tendo como principais autores e obras usados

para desenvolver esta pesquisa, Hans Morgenthau com a “A política entre as nações” de 2003, Edward Carr com “Vinte anos de crise” de 2001 e Raymond Aron com “Paz e Guerra entre as Nações” de 2002¹. Para compreender o impacto da mudança da política externa das nações e o grau de alteração do redirecionamento desta, Charles Hermann, com seu trabalho “*Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy*” de 2004², é a principal referência.

A revisão bibliográfica de conceitos do Realismo como *status quo*, balança de poder e interesses nacionais estão suportadas nas obras dos autores realistas já mencionados. O entendimento de Nacionalismo, Trumpismo, Populismo e Personalidade de formuladores de políticas são complementados com as obras de Robert Longley com “*What Is Nationalism? Definition and Examples*” de 2021, John Mearsheimer com “*Kissing Cousins: Nationalism and Realism*” de 2011, Charles Kegley e Gregory Raymond com “*The Global Future: A Brief Introduction to World Politics*” de 2010, Mark Weiner com “*Understanding Trumpism: Politics and Culture in an age of Globalization*” de 2020 e Cristina Pecequillo com “Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017): Dinâmicas políticas de consenso e polarização” de 2017.

Uma pesquisa documental com enfoque nas manifestações oficiais como discursos, coletivas de imprensa e ratificação de documentos do governo é utilizada. Também são usadas, para a pesquisa documental, manifestações extra oficiais do ex-presidente norte-americano, como pronunciamentos públicos pré e pós eleição, postagens na rede social *Twitter* e declarações para jornais e programas de televisão. Matérias do *The New York Times*, *The Guardian*, BBC e CNN, servem como suporte para analisar o significado das declarações de Donald Trump.

A partir disso, é feita uma análise de discurso, interpretando o contexto em torno das falas de Trump, os precedentes históricos que possam ser relacionados as manifestações e a ideologia das palavras usadas. Desta maneira, segundo Bauer (2022), é possível examinar a construção linguística e a retórica, persuasiva ou não, dos discursos do republicano. Permitindo a formação de um desenvolvimento crítico acerca das falas do ex-presidente norte-americano.

Por fim, em termos de capítulos, essa metodologia está organizada da seguinte maneira: uma breve introdução dos primeiros momentos de Donald Trump como

¹ Obras originalmente publicadas em 1948, 1939 e 1962 respectivamente.

² Obra originalmente publicada em 1990.

presidente dos Estados Unidos e suas primeiras decisões. Após, serão apresentados os momentos mais marcantes relacionados a política externa norte-americana durante o governo de Trump, sendo estes: a retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris; a Guerra de Narrativas com a Coréia do Norte; as Tensões Internacionais; a Guerra Comercial com a China e a Gestão Internacional frente à crise do Coronavírus. Dessa maneira será possível analisar, em alinhamento com as obras mencionadas, as consequências, tomada de decisão e impactos para os Estados Unidos e para as relações internacionais deste. Isso irá permitir uma conclusão acerca dos problemas desse trabalho e uma reflexão quanto a importância da discussão do tema.

2 REALISMO, CONCEITOS E PRÁTICAS POLÍTICAS

O referencial teórico dessa pesquisa está organizado da seguinte maneira: uma breve exposição sobre as diretrizes e conceitos a serem utilizados no trabalho, onde é inicialmente abordada a teoria do Realismo das Relações Internacionais como maneira de entender as relações de poder entre os Estados, a definição de *status quo* e balanço de poder. Após, são trabalhados os conceitos de Nacionalismo e Isolacionismo, que possuem características similares ao Realismo, podendo ser interpretados como complementares da teoria. Isso possibilita desenvolver sobre as mudanças de política externa que são teorizadas na Análise de Política Externa (APE) de Charles Hermann, alinhando junto do entendimento da personalidade dos formuladores de política com base na definição de Charles Kegley e Gregory Raymond.

Os principais autores e obras considerados para esta pesquisa são Hans Morgenthau com a “A política entre as nações” de 2003, Edward Carr com “Vinte anos de crise” de 2001, Raymond Aron com “Paz e Guerra entre as Nações” de 2002, Charles Hermann, com seu trabalho “*Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy*” de 2004 e Charles Kegley e Gregory Raymond com “*The Global Future: A Brief Introduction to World Politics*” de 2010.

2.1 O Realismo nas Relações Internacionais

A teoria realista das relações internacionais é um corrente acadêmica que trabalha sobre a importância do Estado como ator central e como sua sobrevivência no sistema internacional está diretamente ligada aos conceitos de equilíbrio de poder e manutenção do *status quo*. Principalmente se tratando de potências regionais ou mundiais. Resumidamente, a teoria realista busca enxergar o mundo como ele é e não como deveria ser. Um espaço de disputa por poder.

Em sua obra “A política entre as nações”, Hans Morgenthau (2003) desenvolve os seis princípios do realismo político e atribui os objetivos dos Estados baseado sobre uma perspectiva do fator humano e seu instinto. Segundo o autor,

O realismo político acredita que a política, como aliás a sociedade em geral, é governada por leis objetivas que deitam suas raízes na natureza humana. Para estar em condições de melhorar a sociedade, é necessário entender previamente as leis pelas quais a sociedade se governa. Uma vez que a

operação dessas leis independe, absolutamente, de nossas preferências, quaisquer homens que tentem desafiá-las terão de incorrer no risco de fracasso (MORGENTHAU, 2003, p. 4-5).

Dessa maneira, o objetivo central dos Estados no sistema internacional é determinado por sua necessidade racional de sobrevivência, considerando as leis objetivas da natureza humana e da política internacional, que não tendem a mudar drasticamente durante o tempo.

Embora o objetivo possa ser definido de maneira concreta, o interesse dos Estados é algo dinâmico e essencial para a manutenção do seu *status quo*. Sendo este um fator que se relaciona diretamente com o conceito de poder nas relações internacionais. Fundamental para a soberania das nações.

De acordo com o filósofo Raymond Aron (2002, p.99), “no campo das relações internacionais, poder é a capacidade que tem uma unidade política de impor sua vontade aos demais. Em poucas palavras, poder político não é um valor absoluto, mas uma relação entre os homens”.

Considerando que a obra na qual Aron faz essa citação, “Paz e Guerra” original de 1962, busca falar sobre as questões dos povos, suas relações e os motivos das guerras, pode-se afirmar que esta definição de poder é elaborada visando a distinção da política de força e política de poder entre os Estados, alegando que as relações entre as partes não precisam ser sempre agressivas.

No entanto, mesmo que o embate não seja interessante para nenhuma das partes em uma disputa de interesses, caso as soluções diplomáticas para a resolução deste conflito já tenham se esgotado, ele torna-se a única opção. Já que para o realismo a natureza egoísta do homem, remete ao conflito.

Esta situação evidencia a balança de poder e como o desequilíbrio entre dois Estados, em determinado momento, obriga um a se submeter as vontades do outro, em uma ação clara de busca por sobrevivência no sistema internacional.

Para Morgenthau,

A política internacional, como toda política, consiste em uma luta pelo poder. Sejam quais forem os fins da política internacional, o poder constitui sempre o objetivo imediato. Os povos e os políticos podem buscar, como fim último, liberdade, segurança, prosperidade ou o poder em si mesmo (MORGENTHAU, 2003, p. 49).

Ou seja, mesmo que involuntariamente, a cooperação entre os Estados tende

a nunca ser o objetivo central de suas relações internacionais. Os elos de poder, seja visando a manutenção, aumento ou obtenção deste, estão sempre em evidência como o ator principal nas políticas externas adotadas. Em linhas gerais, o poder é fator chave para a política de *status quo* ser bem sucedida.

De acordo com Morgenthau,

Toda atividade política, seja ela nacional ou internacional, revela três padrões básicos, isto é, todos os fenômenos políticos podem ser reduzidos a um dentre três tipos básicos. Uma diretriz política sempre busca conservar o poder, aumentá-lo ou demonstrá-lo. A esses três padrões típicos de política correspondem três políticas internacionais típicas. Uma nação cuja política externa propende mais a conservar o poder do que a modificar a distribuição do mesmo em seu favor persegue uma política do *status quo* (MORGENTHAU, 2003, p.88).

Assim, com a preservação do poder suportada pelo atendimento aos interesses nacionais de segurança do Estado, a sobrevivência no sistema internacional está garantida. Citando Morgenthau, “a política do *status quo*, no que diz respeito à política externa, desempenha a mesma função que uma política conservadora cumpre nos negócios internos de um país” (MORGENTHAU, 2003. p. 89).

Para Edward Carr (2001), em sua obra “Vinte Anos de Crise”, a imprevisibilidade do sistema internacional precisa ser considerada na hora de definir uma política externa visando manutenção ou obtenção de poder.

De acordo com Carr,

Pode-se dividir o poder político, na esfera internacional, em três categorias, para fins de discussão: a) poder militar, b) poder econômico, c) poder sobre a opinião. Descobriremos, entretanto, que estas três categorias são bastante interdependentes; e embora sejam separáveis teoricamente, é difícil, na prática, imaginar um país que, por algum período de tempo, possua algum tipo de poder isolado dos outros. Em sua essência, o poder é um todo indivisível (CARR, 2001, p. 143).

O autor define estes três tipos de poder como essenciais para entender o chamado “pano de fundo utópico” formado por idealistas liberais que acreditam veementemente na cooperação e harmonia de interesse entre os povos, no entanto desconsideram a necessidade de sobrevivência e competição entre os Estados.

Carr (2001) ainda cita que “o interesse comum na paz mascara o fato de que algumas nações desejam manter o *status quo* sem terem de lutar por ele, e outras, mudar o *status quo* sem precisarem lutar para isso” (CARR, 2001, p. 71).

Essa citação de Carr pode ser interpretada como uma indicação dos conflitos e guerras durante toda a história, onde por vezes, Estados criaram interesses em comum para não sofrerem consequências econômicas ou políticas, abstendo-se das lutas através de parceria favoráveis a seu *status quo*.

Também é possível deduzir que, com base na perspectiva realista, caso um Estado tenha atingido total plenitude como superpotência, este não teria obrigações para com o resto do mundo, pois os principais objetivos dele, a sua segurança e preservação de poder, já estariam sendo garantidos. Desta maneira, a busca pela harmonia de interesses seria baseada em um fundamento moral e não racional.

Embora a teoria realista acredite que a busca por poder seja o principal objetivo dos Estados nas relações internacionais, Morgenthau afirma que “o realismo sustenta que os princípios morais universais não podem ser aplicados às ações dos Estados em sua formulação universal abstrata, mas que devem ser filtrados por meio das circunstâncias concretas de tempo e lugar” (MORGENTHAU, 2003, p. 20). Isso configura que por mais que haja a liberdade moral dos indivíduos, os Estados não devem e não podem, pois precisam manter sua sobrevivência nacional, optar por abordar sua política baseada exclusivamente na moral. Esta é importante no discernimento das aspirações dos Estados, mas também é um mecanismo único, baseada em princípios universais para cada nação e a qual, de acordo com Morgenthau (2003), a teoria realista opta por não definir suas ambições com sendo uma lei absoluta para todos os Estados.

É importante salientar que o Realismo, embora possua seus principais conceitos baseados na racionalidade, não desenvolve sobre como a personalidade dos governantes formuladores de política interferem na posição do Estado. As definições de Morgenthau (2003) e Carr (2001) sobre a corrente realista evidenciam apenas as questões centrais, como a sobrevivência e luta por poder, sem se aprofundar nos interesses variáveis por trás das formulações de políticas.

Como forma de acrescentar a suas ideias, vários teóricos realistas desenvolvem sobre o Nacionalismo e o Isolacionismo. Estas práticas podem ser entendidas como um complemento de estudo do Realismo, principalmente por conta de suas características similares como proteção dos interesses nacionais e priorização do Estado.

2.2 O Nacionalismo e o Isolacionismo

Dentro das dimensões de poder trabalhadas por Morgenthau em sua obra “A política entra as nações”, o poder nacional é um dos mais importantes, pois analisa a capacidade do Estado em influenciar sua população através da defesa dos interesses nacionais. Com isso, as ações políticas do governo se tornam justificáveis, criando o sentimento de nação.

Segundo Morgenthau,

Uma nação como tal não é, obviamente, uma coisa empírica, uma nação como tal não pode ser vista, O que pode ser observado de modo empírico são exclusivamente os indivíduos que formam uma nação. Isto é que nos permite dizer que uma nação é uma abstração de uma quantidade de indivíduos que dispõem de certas características em comum, e que são essas características que os transformam em membros da mesma nação. Além de ser membro de uma nação e de pensar, sentir e agir dentro dessa condição, o indivíduo pode ainda pertencer a uma igreja, a uma classe econômica ou social, a um partido político ou a uma família, e pode, assim, pensar, sentir e agir como integrante de uma dessas categorias. Além de ser um membro de todos esses grupos sociais, ele também é, pura e simplesmente, um ser humano que pensa, sente e age como tal (MORGENTHAU, 2003, p. 199-200).

Logo, o fato de diferentes indivíduos possuírem diferentes preferências e opiniões, não os fazem menos parte da nação do que aqueles que possuem seus valores mais alinhados com os líderes do Estado. Na verdade, para o Nacionalismo, no campo da política externa, o Estado deve sempre buscar defender os interesses nacionais comuns e pertinente a todos, como geração de emprego, desenvolvimento interno e crescimento econômico.

A capacidade da nação em defender seus interesses, entretanto, dá ao Nacionalismo uma conotação agressiva no sistema internacional, já que mesmo os países não adeptos a esta prática, buscam obter ganhos sobre o resto.

De acordo com escritor americano Robert Longley,

O nacionalismo é uma ideologia expressa por pessoas que acreditam fervorosamente que sua nação é superior a todas as outras. Esses sentimentos de superioridade geralmente são baseados em etnia, idioma, religião, cultura ou valores sociais compartilhados. Do ponto de vista puramente político, o nacionalismo visa defender a soberania popular do país – o direito de governar a si mesmo – e protegê-lo das pressões políticas, sociais e culturais impostas pela economia global moderna. Nesse sentido, o nacionalismo é visto como a antítese do globalismo (LONGLEY, 2021, n.p. tradução livre).

De certa maneira, o Nacionalismo pode ser entendido como uma ferramenta de complemento para a teoria realista, pois ambos refletem a importância da soberania da nação. No entanto, conforme a história relata, práticas de Estado nacionalistas podem ser subvertidas e tomar formas ideológicas mais agressivas, como o Fascismo, Ultr nacionalismo e Nazismo.

Quanto a esses casos citados, pode-se interpretar que a proposta de uma raça superior ou a dominação de outros países parte dos ideais políticos de regimes totalitários, que transmitem a ideia para a população de maneira que se crie um sentimento de inimigo em comum entre todos. No entanto, considerando que as ações do Estado só se legitimam a partir da opinião da nação, então o Nacionalismo deveria ser entendido como algo que parte da população para o governo e não ao contrário.

Mearsheimer (2011) diz que o nacionalismo e o realismo são teorias que possuem argumentos muito próximos um do outro. O egoísmo na natureza humana, a busca pela defesa dos interesses nacionais e o Estado como ator central, são características compartilhadas das correntes teóricas que, de acordo com Mearsheimer “compartilham pressupostos fundamentais sobre a vida política que contrastam as suposições que sustentam teorias mais universalistas como o liberalismo e marxismo” (MEARSHEIMER, 2011, p. 36, tradução livre).

O Nacionalismo também tem grande papel na formação ideológica do Isolacionismo, uma prática política que visa o isolamento do Estado do sistema internacional como maneira de proteger sua soberania e interesses.

De acordo com Longley,

Em várias ocasiões ao longo da história, o fervor nacionalista levou as nações a períodos prolongados de isolacionismo – a sufocante e potencialmente perigosa doutrina de não desempenhar nenhum papel nos assuntos de outras nações. Por exemplo, o isolacionismo amplamente apoiado durante o final da década de 1930 desempenhou um papel significativo na prevenção dos Estados Unidos de se envolverem na Segunda Guerra Mundial até o ataque japonês a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941 (LONGLEY, 2021, n.p. tradução livre).

Desta maneira, o Isolacionismo pode se tornar perigoso caso seja feito no tempo errado. Principalmente por conta da perda de opções econômicas e diplomáticas que o país adepto a essa política externa sofre. Se consideramos um país pequeno, essa política pode ser devastadora e determinante para a falência econômica e política de seu Estado. Grandes potências, no entanto, podem adotar

essa política sem sofrerem tanto, ainda que no mundo globalizado de hoje, fique cada vez mais difícil não estabelecer relações multilaterais no sistema internacional.

Estados que já usaram ou usam da política nacionalista possuem como um de seus principais fatores, o entendimento de que o nacionalismo econômico é fundamental para defender os interesses nacionais.

Longley (2021) define o nacionalismo econômico como “um conjunto de políticas e práticas destinadas a criar, crescer e, acima de tudo, proteger as economias nacionais no contexto dos mercados mundiais”. Segundo ele,

Os nacionalistas econômicos se opõem, ou pelo menos questionam criticamente a conveniência da globalização em favor da segurança e estabilidade percebidas do protecionismo. Para os nacionalistas econômicos, toda a receita do comércio exterior deve ser usada para o que eles consideram interesses nacionais essenciais, como segurança nacional e construção de poder militar, e não para programas de bem-estar social. De muitas maneiras, o nacionalismo econômico é uma variante do mercantilismo – a teoria de soma zero de que o comércio gera riqueza e é estimulado pela acumulação de saldos lucrativos, que o governo deve estimular por meio do protecionismo (LONGLEY, 2021, n.p. tradução livre).

Longley (2021) sugere que a alocação dessas receitas geradas pelo comércio exterior para iniciativas de desenvolvimento humano ou social, geralmente atreladas a órgãos intergovernamentais, é vista de forma negativa por não estar, essencialmente, beneficiando diretamente a população geradora dessas riquezas. Desta maneira pode-se dizer que a escolha dos programas de desenvolvimento que recebem investimentos do Estado também é importante, pois caso não se adequem ou não gerem retorno de alguma maneira para o interesse nacional, seja a curto ou médio-longo prazo, a população para de apoiar o governo em suas decisões ou iniciativas políticas.

Citando Morgenthau “é indispensável que o governo obtenha a aprovação de seu próprio povo para suas políticas interna e externa destinadas a mobilizar os elementos do poder nacional em favor das mesmas” (MORGENTHAU, 1948, p. 284).

Considerando seus conceitos mais básicos, é possível afirmar que a teoria realista clássica das Relações Internacionais referente aos trabalhos de Hans Morgenthau (2003), Edward Carr (2001) e Raymond Aron (2001) e as práticas do Nacionalismo e Isolacionismo, são similares e relacionáveis. Sendo o poder, o conceito principal das obras que lhes dão suporte. A adoção de uma política externa por parte dos Estados voltada a essas práticas que visam a manutenção ou ganho de

poder, precisa ser conduzida de maneira progressiva durante a história nacional do país, considerando seu tamanho e relevância perante outros, através de uma mudança planejada. No entanto, muitas vezes, governos recém eleitos buscam redefinir totalmente as políticas vigentes e desta maneira, acabam impactando as relações internacionais.

2.3 O redirecionamento da política externa dos Estados

Em sua obra *“Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy”*, o especialista em política externa norte-americana Charles Hermann (2004), busca teorizar justamente sobre o que acontece quando há essa mudança súbita na política dos Estados. Conceituando os cenários em que ocorreram e exemplificando, especialmente, o caso norte-americano nas relações internacionais. A análise da Teoria de redirecionamento da política externa de Hermann é importante para compreender os níveis de alteração dessa mudança e como esse redirecionamento aconteceu durante o período de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos.

Hermann (2004) começa seu trabalho ressaltando que a mudança é um fator comum na política externa dos Estados. O autor declara que durante os anos 1980 a 1990 houveram vários exemplos de modificações drásticas no sistema internacional, citando os regimes autoritários na América Latina que passaram a atuar sob vias democráticas (Chile, Argentina, El Salvador, etc.) e o caso de países no Oriente Médio como o Irã e Iraque, que reduziram os conflitos internos oscilando entre uma política a favor do Ocidente e outra a favor do nacionalismo.

De acordo com Hermann,

Mudanças que marcam uma reversão ou, ao menos um profundo redirecionamento da política externa de um país, são de interesse especial por causa das demandas que sua adoção impõe no governo iniciante e em seus constituintes domésticos e por causa de suas consequências potencialmente poderosas para outros países. Guerras podem começar ou acabar. O bem-estar econômico pode melhorar ou decair significativamente. Alianças podem ser reconfiguradas (HERMANN, 2004, p. 4, tradução livre).

As “consequências potencialmente poderosas” para outros países mencionadas por Hermann (2004), ocorrem por conta da fragilidade no processo de transição para a nova política externa, já que os novos parâmetros ainda não foram

fixados ou definidos. Elas podem vir de várias formas, seja através de novas relações econômicas, diplomáticas ou alianças militares de outros Estados. No fim, a maior consequência é incerteza do impacto que essa mudança na política externa dos Estados irá causar nas relações internacionais.

Para Hermann (2004), a mudança na política externa precisa ser acompanhada de um redirecionamento gradual dos objetivos desta. Ele estabelece essa mudança em quatro níveis, onde cada um possui impactos diferentes, mas que vão consecutivamente alterando a abordagem de política inicialmente adotada. Os quatro níveis teorizados por Hermann (2004) seriam: mudanças de ajustes, que ocorreriam a nível de esforço (maior ou menor) para com a política adotada e/ou refinamento no escopo dos objetivos traçados (nesse caso, o que é feito, seu propósito e caminho permanecem iguais); mudanças de programa, que seriam aquelas que ocorrem nos métodos e meios por qual o objetivo ou problema é abordado. Diferentemente das mudanças de ajustes, que são mais quantitativas, as mudanças de programa são qualitativas (nesse caso, o que e como é feito muda, mas o propósito permanece o mesmo); mudanças de problema e objetivo, que é a mudança ou perda desses (nesse caso, os propósitos para atingir os objetivos são substituídos); mudanças na orientação internacional, que é considerada por Hermann como a forma mais extrema dos níveis, pois envolve um redirecionamento completo em todos os campos da política externa do país, tendo sua agenda e atividades dentro do sistema internacional completamente alteradas. Hermann (2004) afirma que embora distintos, esses quatro graus de alteração podem aparecer juntos na política externa do país.

Hermann (2004) também direciona sua teoria para os formuladores de políticas, ressaltando que a capacidade de um Estado em realinhar suas tomadas de decisões no ambiente internacional a partir de um *feedback* ruim, é essencial para sua manutenção. O autor cita que,

Formuladores de política atendem as maiores prioridades primeiro: se tudo está satisfatório no momento com o maior objetivo ordenado (sobrevivência nacional, por exemplo), então eles podem ir para próxima fase (sobrevivência política, por exemplo) (HERMANN, 2004, p. 9, tradução livre).

Hermann (2004) estipula política externa como um plano endossado por um problema ou objetivo a nível internacional, pensado pelos chamados formuladores de políticas. Essa é uma definição que mais tarde vêm a ser importante para compressão

da obra do autor, pois ele afirma que há dimensões e áreas que precisam ser analisadas e alinhadas, interna e externamente, para que o processo de tomada de decisão que irá levar a reorientação da política externa seja bem sucedido.

De acordo com Charles Kegley e Gregory Raymond, autores da obra “*The Global Future: A brief introduction to World Politics*”,

Os fatores que influenciam as escolhas da política externa são descritos aqui como camadas de um “funil causal”. Condições globais, características do ator estatal ou não-estatal em questão, e as habilidades, personalidades e crenças dos líderes que tomam decisões importantes pode ser pensado como insumos para um processo de formulação de políticas que produz saídas na forma de ações. Essas ações geram resultados ou *outcomes*, que eventualmente servem como feedback que tem consequências para os fatores de entrada em um momento posterior (KEGLEY; RAYMOND, 2010, p. 61, tradução livre).

Para Kegley e Raymond (2010) esses fatores são determinantes no redirecionamento da política externa e para o processo dessa tomada de decisão dos Estados. A partir da análise do ambiente internacional em que os atores estão inseridos e quais características prevalecem, é possível identificar a nível estatal (militar, econômico e organizacional) e individual (preferências dos líderes) quais relações ou dinâmicas podem oferecer uma abertura melhor para determinado tipo de política externa e quais representam um risco ou ameaça a soberania dos Estados.

De acordo com os autores,

O ambiente internacional no qual Estados e atores não estatais operam molda as oportunidades de ação. Ele estabelece um contexto ecológico que limita algumas escolhas de política externa, mas facilita outras. Entre as facetas mais significativas do ambiente internacional que fazem possível certos cursos de ação, mas não outros, são a distribuição de poder entre os estados e o padrão das alianças em torno dos mais poderosos (KEGLEY; RAYMOND, 2010, p. 61, tradução livre).

Relacionando com o que Hermann (2004) diz, é necessário que, considerando o ambiente e os fatores, os formuladores de políticas devam tempo para definir o problema ou objetivo que buscam atingir com o redirecionamento da política externa, bem como suas implicações. Segundo o autor o processo de tomada de decisão é algo não linear e ressalta que “para grandes problemas, a tomada de decisão geralmente envolve ciclos e pausas ao invés de um processo ordenado em que cada etapa acontece apenas uma vez e sempre leva diretamente a passo subsequente até que haja um resultado” (HERMANN, 2004, p. 14, tradução livre).

Assim, Hermann (2004) define e desenvolve sobre sete etapas necessárias no processo de tomada de decisão para que haja grandes mudanças. São elas: expectativas políticas iniciais; ator externo/estímulos do ambiente; reconhecimento de informação discrepante; postulação de uma conexão entre problema e política; desenvolvimento de alternativas; construção de um consenso autoritário para escolha; implementação de uma nova política.

Um fator em comum entre todas estas etapas definidas por Hermann (2004) é o de análise e *feeling* por parte dos formuladores de políticas. Há, segundo o autor, uma necessidade de que o problema atinja expectativas, positivas ou negativas, definidas por esses formuladores, para que haja a justificção da mudança na política externa. No entanto, o que também é abordado por Hermann (2004) é o fato de que durante o processo de formulação da nova política, haverá diferentes expectativas por diferentes formuladores. Assim, caso a nova abordagem decidida fracasse na solução do problema, isso será usado para “criar padrões para julgamentos subsequentes de sucesso ou falhas” (HERMANN, 2004, p. 14, tradução livre).

O fator humano presente na análise de Hermann também é enfatizado na obra mencionada anteriormente de Charles Kegley e Gregory Raymond.

Segundo os autores,

O impacto das características pessoais dos líderes na política externa de seu estado geralmente aumenta quando sua autoridade e legitimidade são amplamente aceitas pelos cidadãos ou, em regimes autoritários, quando os líderes são protegidos de amplas críticas públicas. Além disso, certas circunstâncias aumentam o potencial de influência de indivíduos. Entre elas estão novas situações que libertam os líderes de abordagens convencionais para definir a situação; situações complexas envolvendo muitos fatores; e situações sem sanções sociais, que permitem a liberdade de escolha porque as normas que definem a gama de opções permitidas não são claras (KEGLEY; RAYMOND, 2010, p. 71, tradução livre).

Logo, o processo de tomada de decisão para a escolha de uma nova política não se dará apenas através de uma análise do que é melhor para o interesse nacional, mas também do que supre os desejos ou expectativas dos indivíduos responsáveis por essa decisão. Dessa maneira, para evitar o problema de haver conflitos de interesses no processo, Kegley e Raymond (2010) acreditam que a quantidade de informação disponível durante o processo é vital. Para os autores

Sem informações pertinentes, é provável que a política se baseie nos gostos pessoais dos líderes. Por outro lado, quanto mais informações os líderes têm

sobre assuntos, maior a probabilidade de eles se envolverem em tomadas de decisões racionais (KEGLEY; RAYMOND, 2010, p. 72, tradução livre).

Entende-se que para que haja mudanças significativas com a nova política externa e para que os processos de tomada de decisão ocorram de maneira gradativa, é imprescindível um aprofundamento rigoroso no problema que se busca sanar e nas dimensões externa e internas que envolverão essa mudança.

Os formuladores de políticas precisam se eximir de suas preferências e buscar o máximo de informações possíveis para que se mostre realmente necessário uma mudança drástica na abordagem do Estado frente as relações internacionais.

Citando Hermann,

Se há uma possibilidade real de que grandes dimensões da política externa podem precisar passar por uma mudança significativa, então nós os estudiosos precisamos urgentemente melhorar nosso entendimento das condições que possam permitir tais mudanças assim como promover o exercício de sabedoria sobre qual o possível resultado desse redirecionamento da política (HERMANN, 2004, p. 20, tradução livre).

De maneira geral, a teoria do redirecionamento da política externa de Hermann (2004) busca compreender se a mudança política é de fato necessária para o interesse do Estado e mostra que caso seja, este deve estabelecer parâmetros e estágios de avanço para uma melhor adaptação desta nas relações internacionais.

Os formuladores de políticas são atores centrais nessa mudança, pois são confrontados com escolhas racionais, que devem atender ao interesse nacional, e ao mesmo tempo escolhas pessoais, pois são humanos e é de sua natureza procurar por vantagens próprias. Assim, os objetivos traçados através da mudança na política externa não serão apenas frutos de formulações racionais e permanentes, mas sim ideias alternadas entre sobrevivência, poder do Estado e a busca por ganhos econômicos e políticos alinhada com o interesse pessoal de seus formuladores.

3 ANÁLISE DO REDIRECIONAMENTO DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS

Neste capítulo é feita a análise para identificar se houve redirecionamento da política externa dos Estados Unidos durante o governo Donald Trump. O capítulo apresenta uma breve introdução trazendo os primeiros momentos de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, contextualizando sua personalidade pessoal, analisando suas decisões e posicionamentos, assim como seus impactos nas relações internacionais. Este trabalho opta por personalizar em Trump a política externa norte-americana de seu período. Isso se deve por que, embora as ações políticas dos Estados Unidos sejam tomadas em conjunto pelos membros de governo e de fato direcionadas pelo Executivo norte-americano, as características de Trump, como homem de negócios, personalidade famosa e de poder, podem indicar que suas decisões como presidente foram baseadas em preferências pessoais visando ganhos próprios.

Essa etapa conta com o suporte dos autores Mark Weiner com sua obra de 2020 “*Understanding Trumpism: Politics and Culture in na age of Globalization*” e Cristina Pecequilo com seu trabalho de 2017 “Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017): Dinâmicas políticas de consenso e polarização” como forma de entendimento da postura de Trump como principal líder norte-americano.

Weiner (2020) traz considerações acerca da criação do Trumpismo e de como esse movimento ideológico tomou forma a partir da eleição do republicano. O autor também traz uma definição particular do conceito “populista” que é importante para o entendimento das manifestações de apoiadores de Trump. Pecequilo (2017) fala da expectativa *versus* realidade sobre a agenda da política externa de Donald Trump. Ambos permitem uma reflexão e desenvolvimento da primeira parte desse capítulo.

Após, são destacados alguns momentos relevantes do mandato de Trump, que auxiliam a compreender a característica isolacionista do presidente em sua política externa. Dessa forma, é abordado a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris, a Guerra de Narrativas com a Coréia do Norte, as Tensões Internacionais durante a política externa, a Guerra Comercial com a China e a Gestão Internacional frente a pandemia do Coronavírus. Esses acontecimentos foram escolhidos por representarem momentos na política externa de Trump que geraram grande repercussão internacional e salientarem sua personalidade impulsiva, narrativa

ideológica e isolacionista. Durante o desenvolvimento dos tópicos, é feita de maneira conjunta a análise do impacto das decisões do presidente republicano para os Estados Unidos e no sistema internacional em alinhamento com os trabalhos de Morgenthau (2003), Carr (2001), Aron (2002) e Hermann (2004).

Através disso, será possível determinar o impacto das ações de mudança e da influência da personalidade de Trump na esfera de poder dos Estados Unidos e no detalhamento, a partir das informações apresentadas, de qual foi o grau de alteração da política externa conforme a teoria de Charles Hermann.

3.1 A política externa de Donald Trump

Quando Donald Trump anunciou sua candidatura à presidência dos Estados Unidos em 2015, houve muita contestação por parte da mídia e da opinião pública devido a seus diversos comentários referente a questões de imigração, terrorismo internacional e segurança interna.

Trump era uma figura popular dos Estados Unidos antes mesmo de ter lançado carreira política. Tendo herdado os negócios da família no ramo da construção civil e administração de imóveis, Donald Trump desenvolveu a *Trump Organization*, um conglomerado internacional de negócios variados como varejo, indústria, alimento, marketing, etc. Trump se tornou uma celebridade, frequentemente participando de programas de televisão e sendo seguido pela mídia. Ao anunciar sua candidatura para presidência dos Estados Unidos, ficou claro que caso o republicano fosse eleito, devido a sua diversos empreendimentos pelo mundo, poderia haver conflitos de interesses nas tomadas decisões deste. Principalmente no âmbito das relações internacionais.

Tendo subido muito nas pesquisas eleitorais por conta da constante atenção dada a seus comícios e eventos para prospectar novos eleitores, Trump era considerado um *showman* devido a suas frases de efeito e *slogan* de campanha “*Make America Great Again*”, famoso por se direcionar para a classe conservadora trabalhadora norte-americana.

O cenário da política externa naquele momento era conturbado. O último mandato de Barack Obama, presidente que o antecedeu, foi focado em: reconstruir relações diplomáticas com Cuba (BBC NEWS, 2016); encerrar parcialmente operações militares no Oriente Médio (BBC NEWS, 2021); condenar o conflito entre

Rússia e Ucrânia pela Criméia (região fronteiriça entre os países) (BBC NEWS, 2014) e lidar com as repercussões do escalonamento da Guerra Civil na Síria (apoiada pelos russos) com um suposto uso de armas químicas pelo ditador do país, Bashar Al-Saad (BBC NEWS, 2018). Com a perda de popularidade de Obama em seus últimos anos, principalmente por conta das questões econômicas e da política externa contra o terrorismo, a oposição conservadora ganhou força, culminando na eleição de Trump (BBC NEWS, 2021).

Donald Trump queria resgatar o orgulho de ser americano novamente através de suas políticas nacionalistas e que instigassem o patriotismo americano. Então, em sua campanha, Trump (2017) manifestava suas ideias para a política externa de maneira geral usando frases como “devolver a América para o povo”, “defender os interesses de sua nação” e “construir um muro na fronteira com o México”. Para Cristina Pecequilo

Na política externa, a agenda Trump seguiu o mesmo caminho de explorar tensões e externalizar crises. Os principais países que foram alvo das críticas do candidato foram a China e o México, que seriam responsáveis pela desindustrialização e o déficit comercial pelo excesso de exportações (China) e pelo Acordo de Livre Comércio da América do Norte (México com o NAFTA). A imigração ilegal mexicana, por seu lado, afetaria não só o emprego, mas a violência (narcotráfico e roubos), assim como as dos cidadãos de origem muçulmana. Com isso, era preciso barrar a entrada de imigrantes e deportar os ilegais (PECEQUILO, 2017, p. 352).

De fato, durante muitos de seus discursos, Trump manifestava insatisfação quanto à como as relações internacionais norte-americanas estavam sendo tratadas. Externalizando um descontentamento que reforçou sua eleição e legitimação de política externa por grande parte da população americana. Pecequilo (2017) define a retórica utilizada por Trump para seu governo como uma “renovação agressiva” que dissociasse ou demonizasse as políticas de governos anteriores De acordo com a autora,

Classificar Trump como neoconservador, conservador ou um carona (*free rider*) do Partido Republicano indica que o [então] presidente poderia se inserir com mais facilidade no terceiro nível. A instrumentalização de Trump de ambos os discursos, e sua síntese no que foi definido no texto como renovação agressiva, revelam a eficiência de um político carismático e assessores de marketing, que souberam captar a insatisfação de parte do eleitorado, identificar os pontos fracos dos democratas e atuar pragmaticamente para ganhar a eleição nos estados de batalha. O discurso demagógico anti-política e anti-sistema foi muito bem explorado por Trump e sua figura de empresário e *outsider* (lembrando que Clinton em 1992 e

Obama em 2008 fizeram o mesmo). No sistema estadunidense, o voto popular importa pouco quantitativamente, e sim qualitativamente, e os republicanos conseguem explorar esta dinâmica melhor que os democratas (PECEQUILLO, 2017, p. 357).

Desta maneira, no dia oito de novembro de 2016, Trump era eleito o 45º presidente norte-americano com 306 votos dos 538 eleitores do Colégio Eleitoral (EL PAÍS, 2020). Assim que tomou posse da presidência, em 20 de janeiro de 2017, Trump passou a redirecionar seus esforços para desfazer medidas tomadas nos governos anteriores de Obama, incluindo a política externa. Como uma de suas primeiras medidas já na Casa Branca, Trump (2017) oficializou a retirada dos Estados Unidos do Acordo Transpacífico de Cooperação Econômica. De maneira geral, o acordo visava uma expansão comercial e política entre os países participantes.

De acordo com Robert Blackwill e Theodore Rappleye (2017), embora houvesse incentivo para a participação dos Estados Unidos por conta das possibilidades econômicas como eficiência, produtividade, crescimento, preços mais competitivos e etc., a adesão a tal acordo se chocaria com as ideias do presidente republicano.

Trump (2016) alegava que o acordo iria trazer prejuízos econômicos para os Estados Unidos, pois uma abertura ao mercado multinacional iria inundar a economia norte-americana de empresas que barateassem a mão de obra para países subdesenvolvidos em sua produção visando a isenção de impostos.

Esse movimento ia contra o que o presidente propunha, que seria justamente incentivar o desenvolvimento interno através do estímulo da indústria doméstica. Essa ação reforça a ideia de um nacionalismo econômico, que passa por uma revisão dos acordos comerciais americanos ativos nas relações externas.

Citando o próprio Donald Trump durante sua campanha para eleição, o periódico *The Wall Street Journal* traz,

Eu iriei retirar os Estados Unidos do Acordo de Parceria Transpacífico que ainda não foi ratificado. O *TPP* [sigla em inglês] é o maior perigo em termos comerciais e significaria a morte da linha de produção americana, pois perderíamos nossa influência econômica para uma comissão internacional que colocaria o interesse de nações estrangeiras acima dos nossos (TRUMP, 2016, apud THE WALL STREET JOURNAL, 2016, n.p. tradução livre).

A imagem de um país que aceita o multilateralismo econômico e que buscará diversificar suas relações políticas não se fazia necessária para o presidente

americano. O “*America First*”, slogan de campanha do republicano durante as eleições, iria predominar em todas as decisões para que o interesses americanos prevalecessem. Essa decisão iniciou o processo de isolamento dos Estados Unidos no sistema internacional, que agora iria focar na manutenção de seu poder e *status* de potência, conceitos definidos por Morgenthau (2003).

Ainda como forma de se proteger, no dia 27 de janeiro de 2017, Trump deu início efetivo ao reforço das políticas migratórias americanas, através da Ordem Executiva 13767 que direcionava fundos para a construção de um muro na fronteira com o México, como forma de proteger a indústria e o mercado de trabalho americano (U.S. GOVERNMENT, 2017a).

No mesmo mês, o republicano ainda proibiu, através de outra Ordem Executiva, a entrada de pessoas de 7 países do Oriente Médio (Irã, Iraque, Síria, Yemen, Sudão, Somália e Líbia), de maioria muçulmana, nos Estados Unidos por 90 dias (LISSARDY, 2017). O documento alegava que,

Vários indivíduos nascidos no exterior têm sido condenados ou implicados em delitos relacionados com o terrorismo desde 11 de setembro de 2001, incluindo estrangeiros que entraram nos Estados Unidos depois de receberem vistos de visitantes, estudantes ou trabalho, ou que entraram através do programa de reassentamento de refugiados dos Estados Unidos (U.S. GOVERNMENT, 2017b, p. 8.977, tradução livre).

Embora justificando a ordem como uma medida protetiva para o combate ao terrorismo, Trump acabou deixando de fora países como Egito e Arábia Saudita que também possuem histórico de ataques terroristas em solo americano. Segundo Lissardy (2017) antes de sua eleição, o republicano havia feito negócios nos países em questão, o que poderia indicar um conflito de interesses, mas que também pode ser entendido como uma oportunidade de lutar em conjunto de países “alinhados” contra o terrorismo internacional.

De qualquer maneira, de acordo com estas informações, Trump aparentou estar estabelecendo um fechamento seletivo das fronteiras norte-americanas, priorizando relações de interesse próprio no controle migratório. Esta medida reforça a agenda prometida por Trump durante sua campanha, retomando o nacionalismo e sentimento americano de aversão ao Oriente Médio, no entanto ela também evidencia a marca pessoal que o presidente republicano deixaria na política externa do país.

De fato, a retórica utilizada por Trump foi direcionada para o nacionalismo e

patriotismo americano, sendo o ponto chave para a vitória do republicano nas eleições de 2016. Esse discurso, sob a definição de populismo de Weiner (2020), promoveu o que viria a ser conhecido como Trumpismo, uma forma de movimento de extrema direita que utilizava de conceitos nacionalistas e populistas para justificar as ações da política do então presidente norte-americano. Segundo Mark Weiner,

O Trumpismo é uma mistura de baixa retórica populista e políticas nativistas que permitem ao Partido Republicano em um mundo globalizado atrair uma margem suficiente de anti-elites democratas descontentes em seu campo para alcançar a vitória eleitoral enquanto continua a manter unida sua tradicional coalizão de conservadores sociais e libertários e, assim, impulsionar vários aspectos de sua agenda nacional (WEINER, 2020, p. 87, tradução livre).

Movimentos de extrema direita como este são, segundo Weiner, “uma resposta populista à crescente crise de representação democrática e identidade comunitária da globalização – uma que foi exacerbada por deficiências no pensamento liberal ocidental” (WEINER, 2022, p. 83, tradução livre).

Através das considerações de Weiner (2022) é possível apontar que o Trumpismo buscava resgatar o orgulho americano, focando em apoiar as classes trabalhadoras que, devido ao novo mundo globalizado, foram reduzidas a engrenagens de um processo econômico maior e muitas vezes, voltado ao global. De acordo com esse entendimento, considerando as ideologias nacionais que visam o interesse próprio, pode-se interpretar que os apoiadores do Trumpismo acreditavam que os mercados externos se aproveitaram da abertura econômica norte-americana promovida no governo Obama. Assim como é mencionado por Trump (2016) quando ele fala do Acordo Transpacífico.

Declarações como estas feitas por Trump, sugerem que o reforço das ideologias populista, (conforme Weiner), e nacionalista adotadas pelo Trumpismo acabam, para seus adeptos, por justificar o nacionalismo econômico e a política do isolacionismo norte-americano.

Weiner (2020) complementa dizendo que o Trumpismo se tornou uma referência base de ideologia antiliberal para o resto do mundo, citando que o momento de sua criação veio de um não entendimento do partido Democrata sobre a necessidade de políticas populistas, visando o desenvolvimento interno e a representatividade das classes média e baixa do interior dos Estados Unidos.

Para a Pecequillo (2017), a mudança prometida por Trump em seu primeiro ano

de governo seguiu como planejado, assim como as obrigações presidências do líder republicano. De acordo com a autora,

Trump mantém o calendário regular de atividades e viagens ao exterior tradicionais a qualquer presidente. Apesar das inúmeras gafes diplomáticas apresentadas pela imprensa nas oportunidades em que visitou chefes de governo e de Estado ou participou de reuniões multilaterais como as da Cúpula da OTAN e as do G-20 financeiro, muitas das promessas de campanha foram realizadas e agradaram a base eleitoral: a retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris e as manifestações inflamadas contra o terrorismo são exemplos (PECEQUILO, 2017, p. 355).

Internamente, Pecequilo (2017) coloca que as metas de Trump, logo após sua eleição, estavam sendo cumpridas durante certo tempo, aplicando a lógica frente as relações internacionais de “satisfazer as bases radicais com medidas de cunho religioso (como o corte de recursos públicos para aborto e saúde da família) e críticas às minorias de gênero e raça” (PECEQUILO, 2017, p. 356).

A partir dessas informações é possível constatar que como uma medida instantânea de mudança, a política trazida por Trump foi capaz de fortalecer a retórica das classes de direita, conservadoras e majoritariamente branca dos Estados Unidos. A base eleitoral que apoiou Trump durante sua campanha para presidência.

A capacidade do republicano em mobilizar uma parte da população para que assim pudesse desempenhar seu plano de política externa com certo apoio foi, muitas vezes, ofuscada pelos conflitos e manifestações polêmicas do então do presidente norte-americano. Assim, o Nacionalismo e o Isolacionismo propostos, acabavam se tornando alvo de críticas que desestabilizavam ainda mais a posição de liderança dos Estados Unidos nas relações internacionais. Dessa maneira, analisar o discurso e interpretar as ações de Trump durante os principais momentos de sua política externa, conforme já mencionados, é imprescindível para mensurar o impacto e o grau de alteração que estes representaram na política externa.

3.2 A saída do Acordo de Paris

Um dos momentos mais marcantes nos primeiros meses de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, foi a retirada dos norte-americanos do Acordo de Paris. De acordo com o site oficial das Nações Unidas para Mudanças Climáticas (2015) o Acordo de Paris é um tratado internacional aderido por 196 países na COP21 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas) em 2015 na França,

Paris.

O objetivo desse acordo é buscar a minimização dos impactos das mudanças climáticas, principalmente das emissões de gases de efeito estufa no ambiente, através de esforços econômicos, sociais e tecnológico dos países participantes, buscando, em conjunto, estratégias a curto e a longo prazo para o combate as mudanças (UNF, 2015).

Conforme mencionado, uma das principais estratégias do Acordo para a mitigação das mudanças climáticas, é a redução da emissão dos gases de efeito estufa. Essa ação reflete diretamente nas indústrias dos países aderidos no Acordo, já que a partir dele, estes se comprometem em estabelecer padrões de melhorias que precisam ser implementados (e que demandam orçamento), bem como readequações nos processos produtivos das indústrias. Além disso, o Acordo prevê um investimento para o Fundo Verde para o Clima como forma de suporte a outros países menos desenvolvidos (BRASIL UN, 2015).

No dia 1º de junho de 2017, Donald Trump anunciou oficialmente a saída da participação dos Estados Unidos no Acordo. Citando Trump durante seu discurso

De maneira que eu possa cumprir meu dever solene de proteger os Estados Unidos e seu povo, os Estados Unidos irão se retirar do Acordo de Paris. Iremos começar as renegociações para reentrar seja no Acordo de Paris ou em qualquer outra transação (da mesma finalidade), sobre termos que sejam justos para os Estados Unidos, seus negócios, seus trabalhadores, seu povo e seus contribuintes. Como presidente eu não posso colocar nenhuma outra consideração antes do bem-estar dos cidadãos americanos. O Acordo Climático de Paris é o último exemplo de Washington entrando em um acordo que coloca os Estados Unidos em desvantagem para o benefício exclusivo de outros países. Deixando os trabalhadores americanos (que eu amo) e contribuintes para absorver o custo em termos de empregos perdidos, salários mais baixos, fábricas fechadas e grande diminuição de produção econômica (TRUMP, 2017a, n.p. tradução livre).

O republicano complementa seu discurso falando sobre os impactos econômicos que o Acordo causa e causaria nos Estados Unidos. Segundo o presidente norte-americano,

Os Estados Unidos irão parar com todas as implementações do Acordo de Paris e dos fardos financeiros e econômicos draconianos que o Acordo impõe em nosso país. Isso inclui o fim da implementação da contribuição nacional determinada e do Fundo Verde para o Clima, que está custando aos Estados Unidos uma grande fortuna. Em conformidade com os termos do Acordo de Paris e com as restrições impostas aos donos de empresas de Energia sediadas nos Estados Unidos, isso poderia custar a América 2.7 milhões de empregos perdidos até 2025. Isso inclui, menos 440 mil postos de trabalhos

de manufaturas, trabalhos na indústria automobilística e a dizimação de indústrias americanas vitais, das quais incontáveis comunidades dependem (TRUMP, 2017a, n.p. tradução livre).

Trump (2017a) ainda fala sobre os cortes que as produções de empresas americanas de, basicamente fontes de energia, sofreriam caso os compromissos firmados na administração Obama com o Acordo de Paris fossem seguidos. Mencionando a perda de 3 trilhões de dólares em PIB e 6.5 milhões de trabalhos industriais para os Estados Unidos.

Essa decisão de política externa de Trump gerou impactos no sistema internacional. O primeiro e mais evidente, é a insatisfação das Nações Unidas vendo um de seus mais importantes representantes e maior financiador deixar o Acordo e enfatizar que este é seletivo quanto a questão econômica dos países adeptos e que, de acordo com o presidente republicano norte-americano “é menos sobre o clima e mais sobre colocar os Estados Unidos em uma posição de desvantagem econômica para com o resto do mundo” (TRUMP, 2017a, n.p. tradução livre).

O republicano fez questão de enfatizar a prejudicialidade do Acordo para os estadunidenses em suas manifestações como maneira de atingir a moral da população sobre o tema. Para Morgenthau “a índole nacional e, sobretudo, o moral e a qualidade do governo, especialmente na conduta da política externa, constituem os mais importantes, mas também mais fugidios componentes do poder nacional” (MORGENTHAU, 2003, p.427). O autor (2003) ainda complementa explicando que a moral e a capacidade são importantes na validação da política externa de um governo, no entanto a qualidade desses atributos será evidente apenas nos momentos de crise e guerra. Embora nos dias atuais seja condenável conflitos armados direto entre nações, já que após a 2ª Guerra Mundial Estados Unidos e Europa incentivaram a cooperação econômica e o fim de conflitos, assim como a evolução tecnológica tornou a guerra uma situação mais indireta do que direta, o que acontece hoje são situações de contestação do *status quo* das potências que geram tensões internacionais. Estas são, na maioria das vezes, manifestadas através de conflitos retóricos, políticos e ideológicos.

Dessa maneira, essas declarações de Trump impactaram diretamente na agenda da política externa de vários países, pois ao mesmo tempo que evidenciou uma faceta diferente das propostas que o Acordo de Paris propõe, também exigiu que as outras nações adeptas escolhessem em seguir ou não com seus compromissos

frente ao Acordo.

Considerando a contribuição de Carr (2001) para a teoria realista, tratados atribuídos a convenções internacionais sempre foram refutados pelos Estados, pois estes não queriam ter de lidar com a obrigatoriedade incondicional de cláusulas que pudessem abalar a balança de poder. Mesmo com a criação da *rebus sic stantibus*³ Roosevelt (1931) citado por Carr (2001, p. 237) diz que “a nação tem, evidentemente, o direito de ab-rogar um tratado, de maneira solene e oficial, por motivos que considere suficientes, exatamente como possui o direito de declarar guerra ou exercer um outro ato de poder por uma causa considerada suficiente”. Então, o descaso de Trump com a participação norte-americana no Acordo de Paris e outros tratados internacionais pode ser interpretada de acordo com o realismo, que acredita que estes não podem subjugar os Estados e seus interesses, ao contrário do que estariam promovendo.

Outro impacto como consequência da decisão de Trump, é a perda da influência dos Estados Unidos que, ao sair do Acordo, se isola do resto do mundo quanto ao assunto de políticas ambientais. Tornando mais difícil em estabelecer relações diplomáticas para começar novas tratativas, seja através da renegociação do Acordo de Paris ou de outro tratado com o mesmo propósito. Para Glen Peters (2017), cientista em política climática, a saída dos Estados Unidos é vista como um erro de avaliação da proposta do Acordo por Trump e sua equipe política. Segundo Peters,

A genialidade de Paris é permitir que os países apresentem promessas de emissão que eles sentem que podem cumprir (Contribuições Nacionalmente Determinadas). A promessa dos EUA foi apresentada apenas pelos EUA. Os países já estão cumprindo suas promessas de emissões e – como era de se esperar pelo desenho do acordo de Paris – a maioria dos países mostra sinais de exceder suas promessas conservadoras de emissões. A China parece que pode atingir o pico de suas emissões uma década antes do prometido. A Índia diminuiu o consumo de carvão e acelerou a implantação de energia solar. Até os EUA fizeram grandes progressos na última década e estavam prestes a fazer mais. A ironia é que Paris está funcionando, porque foi projetada para ser flexível às circunstâncias nacionais que o próprio Trump defende! (PETERS, 2017, n.p. tradução livre).

O apontamento de Peters pode ser interpretado através de uma revisão da teoria realista pelo Intergovernamentalismo. Segundo Calegari (2009), a teoria

³ “As obrigações de um tratado só teriam eficácia, frente ao direito internacional, enquanto as condições que prevaleciam à época da conclusão do tratado continuassem” (CARR, 2001, p. 236).

intergovernamentalista entende que os processos de integração regional no período das guerras mundiais na Europa uniram, através da cooperação mútua na busca pela defesa de interesses em comum, os Estados. Então, segundo a autora (2009), haveria a necessidade de uma entidade internacional, baseada em acordos e tratados, que mediasse o controle das ambições dos Estados para que os interesses próprios não se sobrepusessem aos comunitários. Para Peters (2017), o Acordo de Paris é um exemplo de como as organizações internacionais atuais estão considerando os interesses dos Estados em suas agendas, bem como os interesses em comum. Reforçando o argumento de que houve uma falha de análise por Trump sobre o assunto.

A visão de Peters é compartilhada por Atte Korhola, pesquisador de política climática e ambiental na Universidade de Helsinque, Finlândia. Para Korhola (2017), a saída foi um erro se considerar os planos que Trump tinha referente a questões climáticas para seu governo. O pesquisador (2017) menciona que acordos ou tratados nunca foram o suficiente para evitar e combater as mudanças climáticas, mas que esperava que mesmo não seguindo com isso, os Estados Unidos direcionassem seus esforços para pesquisas e estudos como forma de buscar uma redução na emissão de gases na atmosfera e investimentos em energia limpa. No entanto, citando Korhola,

Os planos do governo Trump de cortar mais de 30% do orçamento da Agência de Proteção Ambiental e cerca de 70% do financiamento para pesquisa e desenvolvimento de energia renovável infelizmente não apontam nessa direção. A situação em todos os aspectos é bastante deprimente. A única esperança é que os estados, cidades e empresas dos EUA continuem seu trabalho efetivo para reduzir as emissões (KOHORLA, 2017, n.p. tradução livre).

Por fim, pode-se interpretar também que Trump buscava vantagens pessoais com a retirada dos norte-americanos do Acordo de Paris. Considerando que Secretário do Departamento de Estado, chefe das relações exteriores, nomeado por Trump foi Rex Tillerson, o então presidente da ExxonMobil, uma das maiores empresas de petróleo e gás, Trump poderiam estar buscando um facilitador na exploração de negócios de combustíveis fósseis pelo mundo (THE GUARDIAN, 2016). Para Morgenthau (2003) podemos descobrir os objetivos por trás da política externa através da previsão de suas consequências. Nesse caso, o real interesse da decisão é questionável e só poderá ser validado sob a análise das consequências concretas.

Embora a saída do Acordo de Paris tenha movimentado o sistema internacional e evidenciado a nova perspectiva de política externa dos norte-americanos, esta não seria tão tensa quanto as trocas de retóricas entre Trump e o imperador da Coreia do Norte Kim Jong-Un, que veio a se suceder.

3.3 A Guerra de Narrativas com a Coreia do Norte

As tensões entre Coreia do Norte e Estados Unidos são históricas. No entanto, no período entre 2017 e 2018 os ânimos de ambos os lados se elevaram ao ponto de deixarem o mundo inteiro tenso no que parecia ser um conflito bélico inevitável.

De acordo com do *The Washington Post* (2017) era de conhecimento da inteligência norte-americana que a Coreia do Norte estava trabalhando no desenvolvimento de armamento nuclear, entretanto estes não tinham certeza do quanto desenvolvido os norte-coreanos estavam até a condução da demonstração de seu arsenal militar feito em 2017.

Ainda de acordo com a matéria (2017), baseada em informações confidenciais de um relatório da Agência de Inteligência de Defesa dos Estados Unidos, os norte-coreanos agora podiam produzir ogivas nucleares, o que os tornavam uma ameaça a nível mundial e uma possível potência nuclear. A partir da condução desses testes, iniciou-se uma tensão que foi sendo apenas exponenciada através de declarações do então presidente norte-americano Donald Trump e do líder supremo da Coreia do Norte, Kim Jong-Un.

Durante um evento coberto pela *Associated Press* (2017) em Nova Jersey, Trump (2017b, n.p. tradução livre) declarou que caso Kim Jong-Un continuasse com os testes e exibição de seu armamento nuclear de maneira ameaçadora para com as nações vizinhas e os Estados Unidos, este seria “combatido com fogo, fúria e poder de forma que o mundo ainda não havia visto”. Através dessa declaração é possível identificar outra característica de Trump que impactou em sua política externa: o discurso impulsivo.

Diferentemente da política externa de Obama, que de acordo com Galdino Neto (2018) possuía pragmatismo e variava entre o unilateralismo e multilateralismo como forma de estabelecer relações diplomáticas com os atores internacionais necessários, Trump opta por um discurso objetivo e ideológico. Embora seja uma abordagem que demonstre poder e decisão, ao mesmo tempo torna difícil para seu adepto se retratar

caso precise, estabelecendo automaticamente relações de tensão entre Estados no sistema internacional.

É possível afirmar que, com base nas declarações do presidente republicano durante seu mandato, vários acontecimentos que escalonaram para tensões políticas poderiam ter sido evitados caso a personalidade, que pode ser interpretada como narcisista⁴ do norte-americano, não influenciasse tanto em seu discurso. Todavia, o caráter de Trump junto de seu discurso nacionalista, torna a identificação do grau de alteração da política externa norte-americana, que segundo Hermann (2004) é aquele onde há um realinhamento total das políticas (4º), mais evidente em seu governo.

Durante seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2017, Trump declarou que

Nenhuma nação no mundo possui interesse em ver esse bando de criminosos (Coréia do Norte) se armar com armas nucleares e mísseis. Os Estados Unidos têm grande força e paciência, mas se for forçado a se defender para seus aliados, nós não teremos nenhuma escolha a não ser destruir totalmente a Coréia do Norte. O “homem foguete” (*rocketman*) está em uma missão suicida para si e seu regime (TRUMP, 2017c, n.p. tradução livre).

Ainda durante seu discurso o republicano (2017c) mencionou que nenhuma nação deveria, direta ou indiretamente, apoiar a Coréia do Norte com seus esforços para desenvolvimento de armas nucleares. Essa fala de Trump pode ser interpretada como um aviso a China, que possui laços políticos e é considerada o principal parceiro comercial da Coréia do Norte desde a Guerra da Coréia em 1950. De lá pra cá os chineses deram suporte econômico e político a todos os ditadores que precederam Kim Jong-Un e, embora variando entre relações de cooperação e desconfiança, mantiveram a assistência com suprimentos, energia e alimentos além da constância de acordos econômicos bilaterais que, segundo a Agência Coreana de Promoção de Investimentos Comerciais com sede em Seoul, decuplicou de 2000 até 2015, chegando a \$6.86 bilhões (ALBERT, 2019).

Outro ponto que o pronunciamento de Trump nas Nações Unidas traz é de porquê há nações nuclearizadas e altamente armadas e outras não, já que o objetivo de todas é a defesa de seus interesses. Entretanto, é academicamente conhecido que a teoria realista explica que apenas as grandes potências deverão possuir grandes

⁴ Pessoa que está completamente centrada em si mesma e na sua própria imagem (DICIO, [2023?])

armamentos, de maneira que não desequilibre a balança de poder. De acordo com Aron (2002) as soberanias econômica, moral e militar de um Estado são as forças da qual o poder usa para determinar seus objetivos. Aron (2002) ainda diz que há aqueles que são privilegiados por terem maior prestígio perante a outros e que o grau de influência que os Estados podem impor suas relações depende de seus meios disponíveis. Dessa maneira, o aviso de Trump (2017c) aos líderes mundiais de que não há como um país que não respeita seu próprio povo e que opera no sistema internacional de maneira distante dos princípios das Nações Unidas (referindo-se a Coreia do Norte) possa se tornar uma força nuclear, é impactante.

Em resposta a Trump, Kim Jong-Un emitiu uma declaração oficial repercutida pelo jornal *The Guardian* (2017) que dizia

O comportamento mentalmente perturbado do presidente dos EUA expressando abertamente na arena da ONU a vontade antiética de “destruir totalmente” um estado soberano, além da fronteira de ameaças e mudança de regime ou derrubada do sistema social, faz até mesmo aqueles com faculdade de pensamento normal pensarem em discricção e compostura. Agora que Trump negou a existência e insultou a mim e ao meu país diante dos olhos do mundo e fez a declaração de guerra mais feroz da história de que destruiria a RPDC (República Popular democrática da Coreia), iremos considerar com seriedade uma resposta correspondentemente do mais alto nível de contramedida na história (JONG-UN, 2017, apud THE GUARDIAN n.p. tradução livre).

Jong-Un ainda se referiu a Trump como “tonto, surdo e mentalmente perturbado”. Instigando ainda mais a relação conturbada entre os países (THE GUARDIAN, 2017, n.p. tradução livre).

As tensões internacionais entre as duas nações se estenderiam até 2018 quando houve o primeiro encontro oficial dos líderes de Coreia do Norte e Estados Unidos na história. O evento ficou conhecido como a Cúpula de Singapura e terminou com a assinatura de um documento visando o estabelecimento de relações pacíficas e a desnuclearização dos norte-coreanos (WHITE HOUSE, 2018).

É questionável o real objetivo das partes envolvidas nesse período de tensão, já que em 2019, Trump se tornaria o primeiro líder norte-americano a cruzar a fronteira e adentrar a Coreia do Norte, convidado por Kim. A mudança de postura de ambos os líderes políticos pode indicar um acordo de interesses que não era repercutido pela mídia internacional. O fato é que encontro teve impacto mundial, sendo um dos momentos de grande importância diplomática no governo de Trump e apaziguando,

até o final do mandato do republicano, as tensões entre ambos (NBC NEWS, 2019).

Mesmo sendo responsável por instigar o conflito retórico entre Estados Unidos e Coréia do Norte, Trump, no final, obteve sucesso em estabelecer relações mais diplomáticas com os norte-coreanos. Entretanto, sua atitude constantemente despreocupada com as palavras durante o mandato aumentou as tensões internacionais com diversos outros países e ajudou a promover o isolacionismo norte-americano como política externa.

3.4 Tensões na Política Internacional

Durante seu período como presidente dos Estados Unidos, Trump conseguiu elevar muito o nível de tensão no sistema internacional. Através de suas declarações, e ações na política externa, que resultariam em ameaças e revoltas, o republicano manteve a segurança do povo norte-americano em uma posição de, muitas vezes, instabilidade.

Embora grande parte do discurso de Trump durante sua eleição fosse direcionado a tópicos de proteção dos interesses norte-americanos e maneiras de favorecer os Estados Unidos economicamente em quaisquer campos, os primeiros movimentos com o exército norte-americano do então presidente mostraram o contrário.

De acordo com um levantamento do Instituto *American Progress* feito por Peter Juul e Ken Gude

Durante seus primeiros 100 dias no cargo, ficou claro que o presidente Donald Trump vê a força militar como sua principal – senão a única – ferramenta de política externa. De um ataque de operações especiais mal sucedido no Iêmen a um ataque com míssil de cruzeiro contra um campo aéreo do regime de Assad na Síria, Trump se provou mais do que disposto a ordenar que as forças armadas americanas entrassem em ação. Além disso, o “orçamento de *hard power*” proposto por seu governo corta o financiamento do Departamento de Estado dos EUA em mais de um quarto para ajudar a pagar um aumento de US\$ 54 bilhões em gastos militares (JUUL; GUDE, 2017, n.p. tradução livre).

Segundo Juul e Gude (2017), os ataques a Síria e ao Iêmen demonstraram a falta de uma estratégia clara nesse tocante por parte da administração de Trump. Os autores (2017) ainda comentam que após os ataques contra o regime iraniano, houve dificuldade por parte da equipe de Trump em explicar a tomada de decisão do presidente, que ao final se justificou com uma prevenção contra possíveis ataques de

armas químicas, mas reforçando que suas ações se baseiam mais por impulsos e emoções.

De acordo com McAdams (2016), que faz uma análise de momentos de Trump para tentar decifrar sua personalidade antes de sua eleição, o republicano sempre pareceu estar atuando em todos os seus momentos, afirmando que “ele vive como se fosse um homem que soubesse que está sendo sempre observado” (MCADAMS, 2016, n.p. tradução livre). McAdams (2016) ainda reforça que a personalidade de Trump é extrema e possui traços de grandiosidade, narcisismo e que o republicano sempre buscou ser um ator social de relevância, que fosse adorado por todos. Esses traços observados por McAdams (2016) são evidentes nas tomadas de decisão de política externa de Trump. Sua necessidade de discursar com ênfase nas palavras que pudessem gerar reações positivas do público, quase como se ele quisesse ser aplaudido a final de cada frase, a entonação e postura sempre com uma inclinação de superioridade a tudo e todos, as afirmações fantasiosas que involuntariamente geravam discussões sobre o republicano, Trump demonstrou que estava sempre ciente de tudo e todos ao seu redor, mas não conseguia lidar e não sabia como responder quando alguém o contrariava ou discordava de sua visão, deixando suas emoções e ideologias julgarem suas próprias decisões. McAdams afirma que

Pessoas com fortes necessidades narcísicas querem amar a si mesmas e querem desesperadamente que os outros as amem também - ou pelo menos as admirem, vejam-nas como brilhantes, poderosas e bonitas, até mesmo apenas as vejam, ponto final. O objetivo fundamental da vida é promover a grandeza do eu, para que todos possam ver (MCADAMS, 2016, n.p. tradução livre)

Trump conquistou seu poder e como presidente dos Estado Unidos quis demonstrar ao resto do mundo sua importância e superioridade, levando a história e sucesso de negócios de sua família como mais uma camada que moldou sua personalidade distinta como presidente norte-americano.

No campo militar, parte essencial para a manutenção de poder dos Estados Unidos, as ações de Trump focaram em um aumento no orçamento do exército, no entanto isso é contraditório, pois se a política externa proposta pelo republicano buscava o isolamento dos Estados Unidos do sistema internacional, por quê continuar com os altos gastos em operações e assentamentos militares ao redor do mundo? Henry Kissinger (2014) levanta esse questionamento sobre a necessidade ou não de

intervenção dos Estados Unidos em países avessos a democracia. Kissinger cita que “em que medida deveriam os interesses de segurança ser colocados em risco em proveito de uma evolução apenas hipotética?” (KISSINGER, 2014, p.91), referindo-se as lutas que os norte-americanos promoveram pelo mundo ao longo de sua história de maneira que pudessem defender a expansão de seus ideais. Quanto a isso é possível que, como uma forma de dissuasão, Trump tenha armado os Estados Unidos ainda mais, para garantir mais segurança e intimidar as potências rivais dos norte-americanos no sistema internacional. Essa afirmação pode ser baseada no conceito do realismo conhecido como dilema de segurança, desenvolvido por John Herz em 1950. De acordo com Herz (1950) citado por Mendes e Rezende (2020, p. 15)

Onde quer que tal sociedade anárquica tenha existido — e ela existiu em algum nível na maioria dos períodos da história conhecida — surgiu o que pode ser chamado de “dilema da segurança” de homens, grupos ou seus líderes. Grupos ou indivíduos vivendo em tal constelação devem estar, e geralmente estão, preocupados com sua segurança quanto a ser atacado, subjugado, dominado ou aniquilado por outros grupos ou indivíduos. Esforçando-se por obter segurança quanto a tais ataques, eles são movidos a adquirir mais e mais poder de modo a escapar ao impacto do poder alheio. Isto, por sua vez, torna os demais mais inseguros e os obriga a prepararem-se para o pior. Como ninguém pode jamais sentir-se inteiramente seguro em tal mundo de unidades em competição, segue-se uma competição por poder, e o círculo vicioso de acumulação de segurança e de poder está instalado (HERZ, 1950, apud MENDES E REZENDE, 2020, p. 15).

Mendes e Rezende (2020) ainda argumentam que a aquisição de mais poder baseada no dilema de segurança pode ser uma estratégia tanto defensiva quanto ofensiva e que esses meios são necessários para a garantia de sobrevivência e competição dos Estados no cenário internacional. Dessa maneira, a decisão de investir ainda mais em seu arsenal e fomentar uma espécie de guerra fria com países como Rússia, Coreia do Norte e China, pode significar uma tática que Trump julgou necessária para poder conduzir sua política externa. Reforçando o *status quo* norte-americano e que, mesmo isolado, os Estados Unidos continuam sendo a potência com maior poder bélico do mundo.

Em relação ao Oriente Médio, a política externa de Trump foi marcada por revisões de acordos comerciais, a saída dos Estados Unidos do Acordo Nuclear com Irã e a retirada parcial das tropas americanas em zonas de intervenção como Afeganistão e Síria, segundo Mattos (2020). Nesse último o autor afirma que

Trump responde a uma promessa de campanha feita por ele, quando afirmou que retiraria os EUA de “todas as guerras intermináveis”. Com efeito, as coalizões do cenário de conflito sírio possibilitam visualizar o equilíbrio de poder existente na região e que extrapola essa guerra. De um lado, estão os EUA, que têm como aliados na região principalmente Israel – vale lembrar a transferência da embaixada dos EUA para Jerusalém em 2018 como um importante sinalizador dessa relação preferencial – e Arábia Saudita. De outro, o governo sírio, a Rússia e o Irã. (MATTO, 2020, n.p.).

No entanto, as tensões internacionais entre os Estados Unidos e o Oriente Médio viriam a atingir um ápice quando Trump ordenou uma operação militar para executar o general do exército iraniano Qasem Soleimani, em janeiro de 2020. Em seu pronunciamento oficial, Trump afirma que

Soleimani estava planejando ataques iminentes e sinistros contra diplomatas e militares americanos, mas nós o pegamos em flagrante e o eliminamos. Sob minha liderança, a política da América é inequívoca: para terroristas que prejudicam ou pretendem prejudicar qualquer americano, nós os encontraremos; vamos eliminar você. Sempre protegeremos nossos diplomatas, militares, todos os americanos e nossos aliados. Durante anos, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica e sua implacável Força Quds – sob a liderança de Soleimani – alvejaram, feriram e assassinaram centenas de civis e militares americanos. Os recentes ataques a alvos dos EUA no Iraque, incluindo ataques com foguetes que mataram um americano e feriram gravemente quatro militares americanos, bem como um ataque violento à nossa embaixada em Bagdá, foram realizados sob a direção de Soleimani (TRUMP, 2020a, n.p. tradução livre)

O discurso de Trump é expressivo e enfático em seu significado, exaltando a eficiência óbvia do exército americano, mas fomentando as tensões internacionais que se sucederiam a partir dessa ação. Para James Jeffrey (2021), ex-conselheiro adjunto de segurança nacional dos Estados Unidos, a administração do presidente republicano obteve sucesso para seu padrão na condução das relações com o Oriente Médio. Jeffrey afirma que

O Irã, em comparação com 2017, estava mais restrito na região, sob pressão econômica muito maior e diante de uma coalizão regional fortemente estabelecida, incentivada pelos Acordos de Abraham. O governo moveu a maior parte da região para além da interminável questão palestina como o ímã da diplomacia regional, destruiu o estado territorial do ISIS e, embora com ajuda significativa da Turquia, conteve os avanços russos. A região, portanto, parece mais segura agora do que no final do governo Obama, com exceção do arquivo nuclear iraniano (JEFFREY, 2021, n.p. tradução livre).

Quanto a política externa voltada a Rússia, Trump optou por um tom mais diplomático em direção a Putin. Segundo um relatório da inteligência dos Estados

Unidos repercutido pela BBC (2017), Putin teria interferido na disputa presidencial norte-americana de 2016 a favor de Trump através do roubo de informações, bem como a disseminação dessas através de fóruns na *internet*, de membros do partido democrata. A matéria (2017) ainda traz informações de que o motivo da interferência seria por conta de que Trump havia prometido trabalhar próximo a Rússia no tocante da política externa voltada ao combate contra o terrorismo e de que Putin tinha aversões a Hillary Clinton, candidata à presidência junto de Trump na época, por conta de manifestações da democrata contra o presidente russo.

De acordo com um levantamento da CNN (2019), Trump possui um histórico em enaltecer líderes questionados pela comunidade internacional durante seu governo. O levantamento (2019) é um compilado de manifestações públicas, publicações na rede social *Twitter* e transcrições de conversas, nas quais o republicano trocou interações com líderes como Kim Jong-Un, Vladimir Putin, Tayyip Erdogan e Xi Jinping. Em determinado momento Trump refere-se ao presidente russo como “um verdadeiro líder” e que quaisquer elogios que Putin faça a Trump como homem de negócios ou presidente dos Estados Unidos terá “zero impacto” na maneira como este irá conduzir sua política externa, mas “se ele disser coisa boas sobre mim, eu irei dizer coisas boas sobre ele” (TRUMP, 2016, n.p. tradução).

O discurso cordial que Trump escolheu durante sua campanha, e em muitas vezes no seu governo frente a Rússia, levanta suspeitas sobre suas reais intenções. A diplomacia de Trump, embora dispersa de sua personalidade habitual, pode ser um traço político do qual o republicano usava como uma forma de buscar interesses próprios frente as relações conturbadas dos Estados Unidos no cenário internacional. A súbita mudança de atitude do norte-americano frente as tensões com a Coreia do Norte, que foi de ameaças e xingamentos a um encontro histórico e a elogios ao ditador norte-coreano, pode ser um indicativo (CNN, 2020). No tocante a Rússia, ressalta-se que há um fator da figura de Trump como homem de negócios, já que segundo uma retrospectiva da *Business Insider* (2021), o empresário bilionário tentou diversas vezes estabelecer negócios no país do Leste Europeu no período de 1986 a 2016. Embora Trump e Rússia não tenham chegado em acordo sobre os investimentos que o magnata considerou fazer no país (grande parte sobre imóveis e prédios de luxo), em determinado momento foi considerado inclusive, a construção de uma *Trump Tower* em Moscou, o famoso prédio luxuoso de Donald Trump sediado em Nova York que é visto como um símbolo de seu império imobiliário.

O fato de Trump ser um empresário bem sucedido que possui negócios com muitos países e que agora este tinha que se relacionar como líder principal norte-americano, levanta o questionamento dos interesses por trás de suas decisões de política externa, já que o republicano, como representante máximo do Estado, poderia estar servindo a si próprio e não ao povo. Kegley e Raymond (2010) afirmam que há etapas por trás dos processos de tomada de decisão dos líderes, baseados no atingimento de padrões de ganhos minimamente aceitáveis, do risco em decisões que podem gerar ganhos maiores e as decisões baseadas em informações exclusivas e aquelas baseadas em seus custos. No entanto, há também a personalidade do líder que reflete no tipo da abordagem, pois líderes podem ter diferentes maneira de controlar as informações, de tolerar diferentes pontos de vista, assim como ter suas próprias particularidades ideológicas. Considerando isso, Trump se mostra ser um líder imprevisível, pois ao mesmo tempo em que esse reforça que seu objetivo são os interesses do povo norte-americano, seu histórico empresarial não permite que possa essa afirmação possa ser tida como uma certeza absoluta.

Quanto a Rússia, a postura do então presidente norte-americano também pode ser interpretado como uma revisão das relações de política externa estabelecidas pelos governos de seu predecessor, Barack Obama. O democrata iniciou seu 1º mandato tentando reestabelecer relações com Moscou, mas devido ao aumento das tensões instigadas pela crise político-social na Ucrânia em 2014, acabou seu governo aplicando sanções econômicas no país, reforçando os laços norte-americanos com as organizações do ocidente e buscando isolar a Rússia diplomaticamente no sistema internacional, por conta dos conflitos entre grupos separatistas russos e oposições ucranianas na fronteira dos países (BBC, 2014). Desta maneira, como forma de minimizar uma relação já desgastada, Trump pode ter optado pela diplomacia.

De acordo com Finguerut e Oliveira (2018) Putin e Trump são líderes políticos semelhantes em suas características e visões. Os autores (2018) definem ambos os presidentes de maneira que não acreditam no livre mercado como solução e optam por uma retórica nacionalista de “lei e ordem”; acreditam na ameaça de perda de identidade nacional e apostam em seu poder militar como sua maior força; costumam tomar decisões desconsiderando opiniões e/ou conselhos de suas equipes políticas, legitimando suas ações com a aprovação do povo através de um discurso apelativo; são sensíveis a críticas da mídia, discordando agressivamente de quem os opõe e disseminando informações baseadas em opiniões próprias, sem validação ou

argumentos que as sustentem. Assim, as interações entre Trump e Putin podem ter se dado puramente por afinidade e um compartilhamento de ideologias similares. Um possível facilitador que permitiu uma política externa consideravelmente diplomática para Trump.

Para a América Latina, Donald Trump voltou-se a crise imigratória na fronteira com o México e a crise democrática na Venezuela. (MATTOS, 2020). Como já mencionado, o objetivo principal de Trump com relação a América Latina, o qual foi citado muitas vezes em seu processo de eleição à presidência, era reforçar as medidas e as políticas imigratórias na fronteira dos Estados Unidos com o México. Os demais países não foram lembrados pelo republicano em seu discurso, pois segundo Fuente (2017) a América Latina não é mais uma prioridade para os norte-americanos desde o 11 de Setembro. Fuente cita que

A falta de importância estratégica da América Latina para os Estados Unidos é improvável de mudar no governo de Trump dado o número de pressão nos problemas de política externa que a Casa Branca está encarando em outras partes do mundo. Isso apenas irá mudar caso uma situação sem precedentes que possa colocar em perigo a segurança dos Estados Unidos aconteça na região. O presidente Trump raramente referenciou a América Latina durante sua campanha, fora em ter usado o NAFTA como seu principal saco de pancadas quando debateu contra acordos multilaterais de livre comércio e focando na imigração ilegal vinda da fronteira Estados Unidos-México (FUENTE, 2017, p. 4. tradução livre).

Dessa maneira, Trump focou em assuntos pontuais na América Latina. Em janeiro de 2019 Trump implementou o pacote de protocolos de migração que ficou popularmente conhecido como “*Remain in Mexico*” (CFR, 2022). De acordo com Roy (2022) o programa tinha como objetivo gerenciar o problema identificado por Trump da superlotação do sistema de asilo dos Estados Unidos devido ao alto número de crescimento de imigrantes sem documentação cruzando a fronteira EUA-México. Assim todos aqueles que buscavam asilo no país, precisariam voltar para seus países de origem e aguardar até que seus casos de imigração fossem finalizados nos tribunais norte-americanos.

Essas medidas, estão diretamente relacionadas à segurança dos Estados Unidos, de acordo com Fuente (2017). O autor reforça que a administração de Trump também irá focar em iniciativas de controle por conta do problema histórico do fluxo de drogas, armas e perigos que passam pela fronteira. Fuente diz que “outro fator recebendo atenção na área de segurança é identificar e neutralizar células de grupos

terroristas em potencial na América Latina, com objetivo de atrapalhar suas relações com cartéis de drogas e crime organizado” (FUENTE, 2017, p. 12, tradução livre). De acordo com Fuente (2017) os pilares da política externa norte-americana através da história perante a América Latina sempre foram o livre comércio, democracia, governança e segurança. No entanto, o autor explica que devido a alteração da política externa para o “*America First*”, esses pilares ficarão em segundo plano, para que os interesses nacionais norte-americano prevalecessem. Mais um indicativo da orientação total que ocorreu na política externa adotada isolacionista proposta por Trump.

Outro ponto que gerou tensão nas relações internacionais abordado por Trump em seu governo, foi a crise política-presidencial na Venezuela. Esse problema, que se tornou relevante aos Estados Unidos em 2019, quando Nicolás Maduro, o presidente venezuelano, que não é reconhecido por todos como tal, foi reconduzido à presidência da Venezuela sem a legitimação da oposição, da Assembleia Nacional do país e do Grupo Lima, formado majoritariamente por países da América Latina que busca soluções para a crise econômica e política venezuelana. Com esse movimento de Maduro, a oposição apoiou a eleição de um novo presidente, culminando na autoproclamação de Juan Guaidó para a posição, o que aumentou as tensões nacionais e internacionais do país da América do Sul (POLITIZE, 2019).

Dessa maneira, Donald Trump veio declarar publicamente seu apoio e reconhecimento ao presidente autoproclamado venezuelano em um discurso no ano de 2019. Durante sua fala, Trump (2019a) menciona a riqueza que a Venezuela já possuiu, sendo considerada um dos países mais ricos da América Latina e que devido aos anos de tirania socialista do governo, isso trouxe o país as ruínas. O republicano também menciona que “nem mesmo as maiores reservas de petróleo do mundo são o suficiente para manter as luzes acesas” (TRUMP, 2019a, n.p. tradução livre). Essa última fala pode ser um indicativo do motivo pelo qual o presidente norte-americano direcionou a atenção de sua política externa para a Venezuela.

De acordo com Armanian (2019) além do petróleo, a Venezuela também possui grandes reservas de diamante, ferro, cobre, alumínio, bauxita, coltan, urânio e gás natural e ouro. A cientista política ainda cita outras razões pela qual Trump pode ter se interessado pela situação venezuelana, mencionado que além dos recursos naturais, há aproximação estratégica, econômica e política da Venezuela com a China e Rússia, que poderia ameaçar a soberania dos norte-americanos na região, a busca

da dominância e de novos negócios com o petróleo com a dificuldade na exploração desse recurso no Oriente Médio devido a resistência e conflitos contra países como Iraque e Afeganistão e ainda, a necessidade de Trump em travar uma guerra sua, mas em nome dos Estados Unidos (ARMANIAN, 2019) Para essa última a autora (2019) diz que todos os presidentes norte-americanos travaram ao menos uma guerra em seu governo, ela acreditava, à época, que o republicano poderia se voltar a Venezuela após este identificar que os riscos de invasão no país sul-americano são menores do que se comparado a Síria, Irã ou Coréia do Norte. No entanto, conforme o governo do presidente norte-americano se sucedeu, é identificado que essa possibilidade proposta por Armanian (2019) não se concretizou. Deixando a situação das relações entre Estados Unidos e Venezuela mais no campo da retórica.

No entanto, de acordo Confessore, Kurmanaev e Vogel (2020) do *The New York Times*, o real interesse de Trump por trás de seu apoio ao povo venezuelano deve-se a busca por novos eleitores para as eleições norte-americanas que estavam por vir. Os autores (2020) dizem que embora tenha havido apoio tanto de democratas, quanto republicanos para a abordagem de Trump na crise venezuelana, os números de eleitores na Florida, lugar onde o republicano discursou sobre o assunto e conhecido por possuir uma grande porcentagem da comunidade latina residente nos Estados Unidos, não tiveram o efeito esperado. Além disso, os autores (2020) ainda apontam que domesticamente o movimento político de Trump obteve um grau de sucesso, conseguindo apoio do povo na retórica contra Maduro. No entanto como forma de política externa foi o contrário, já que as sanções econômicas impostas pelo presidente republicano a ditadura do líder da Venezuela não o assustaram e ainda reforçou o interesse de China, Rússia e Irã na região sul americana.

De acordo os correspondentes políticos do *The New York Times*,

O Sr. Maduro efetivamente derrotou o Sr. Guaidó, cujo apoio popular entrou em colapso. A sobrevivência de Maduro é, em parte, uma parábola da política externa na Washington de Trump - onde ideólogos, doadores e lobistas competem para atrair a atenção de um presidente inexperiente e altamente transacional, distorcendo e remodelando a diplomacia americana ao longo do caminho. O cabo de guerra sobre a posição de Trump na Venezuela colocou ativistas cubano-americanos e políticos da Flórida, que viam Maduro como um representante e fornecedor de energia para o regime comunista de Cuba, contra interesses comerciais pró-Trump que defendem um envolvimento mais próximo com Maduro (THE NEW YORK TIMES, 2020, n.p. tradução livre).

Assim, a real intenção de Trump pode ser interpretada como uma estratégia

financeira para sua campanha de reeleição à presidência e econômica, no sentido de diminuir as capacidades de Maduro em articular sua ditadura através de seu maior recurso, o petróleo. Trump fez isso usando de um discurso ideológico e chamativo para captar a sensibilidade da população estadunidense de maneira que esse pudesse ter suas ações justificadas a nível doméstico e internacional. Morgenthau diz que

Sempre que em matéria de questões internacionais estiverem em discussão políticas econômicas, financeiras, territoriais ou militares, será necessário distinguir entre, digamos, políticas econômicas que são adotadas por seu próprio mérito e políticas econômicas que constituem parte dos instrumentos de uma orientação política - isto é, uma política cujo propósito econômico não passa de um meio para a finalidade de controlar as políticas de outra nação (MORGENTHAU, 2003, p. 58).

Dessa maneira, interpretando que a política de Trump é voltada a defesa dos interesses norte-americanos em primeiro lugar, pode-se afirmar que todas suas ações na política externa possuem como finalidade a obtenção de vantagens sobre outros Estados. Movimento esse que está no cerne da teoria realista. Também, o governo de Trump também se mostra contrário a cooperação no sistema internacional como uma forma de obtenção de ganhos, conforme evidenciado em muitas de suas decisões na política externa. As saídas do Acordo de Paris, do NAFTA, entre outros, que poderiam beneficiar os Estados Unidos e reforçar o papel de líder do Ocidente do país foram descontinuados devido a irredutibilidade de Trump quanto a ideia de que os interesses dos norte-americanos não estavam sendo atendidos. A adoção de um discurso nacionalista e isolacionista, assim como várias declarações que geraram controvérsias, tensões e ridicularizações internacionais. Na verdade, foram raros os momentos em que Trump abdicou de suas convicções de política externa em prol da cooperação. O momento mais marcante, conforme já mencionado, é possivelmente o encontro entre o presidente norte-americano e o líder supremo Kim Jong-Un na Coreia do Norte, onde após várias reuniões entre os líderes para a discussão do desarmamento norte-coreano, situação que gerou tensões entre os países entre 2017 e 2018, ambos firmaram uma parceria de cooperação onde o país da Ásia Oriental acabou descontinuando os testes com seu arsenal nuclear em desenvolvimento.

Trump também se envolveu em controvérsias ao travar uma guerra comercial contra a China, que desestabilizou a economia norte-americana e ainda repercutiu mundialmente devido a dimensão das potências envolvidas. Esse conflito gerou

apreensão no sistema internacional e estabeleceu novos momentos na política internacional de Donald Trump.

3.5 A guerra comercial dos Estados Unidos com a China

A política externa do governo de Donald Trump foi marcada por uma constante troca entre os norte-americanos e os chineses. Por vezes essas trocas eram retóricas políticas, baseadas em admiração e respeito, mas em outras eram de decisões que impactavam o sistema internacional, conforme o discurso de Trump em 2018 onde o republicano anunciava um aumento em novas tarifas econômicas para os chineses (CNN, 2018). Em seu pronunciamento, Donald Trump (2018a) afirma que está tratando das questões econômicas com seriedade e que está em contato direto com os representantes chineses para que haja um entendimento nas cooperações econômicas, mas que devido ao déficit comercial que os norte-americanos estão sofrendo, oriundo da diferença das taxações aplicadas entre China e Estados Unidos na importação de produtos, o país precisa tomar medidas. O republicano (2018a) ainda reforça algo que é recorrente em seus discursos, afirmando que muitos dos tratados comerciais não são justos com os Estados Unidos, pois muitos países buscam tirar vantagens deste e que a luta pela defesa desses interesses nacionais teria sido um dos principais motivos para que o magnata republicano fosse eleito presidente.

De acordo com Wang

A política comercial de Trump com a China é fundamentalmente impulsionada pela relação cada vez mais competitiva entre EUA e China, influenciada pela percepção de Trump da China como principal concorrente estratégico dos Estados Unidos e pela preocupação com o déficit comercial dos EUA, e reforçada pela “trumpização” do Partido Republicano sob a polarização doméstica dos EUA. A análise realista neoclássica sugere que a tensão comercial embutida na competição estratégica entre os dois países provavelmente continuará por um tempo considerável (WANG, 2019, n.p. tradução livre).

De acordo com Khan e Mehmood (2021), embora o início da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos tenha se dado no ano de 2018, quando as primeiras tarifas foram anunciadas por Trump, é possível que esse conflito já tivesse iniciado muito antes. Seja quando a China ganhou o título de maior nação manufatureira ou quando os chineses se tornaram membros da Organização Mundial

do Comércio. Ressalta-se que, os norte-americanos chegaram à conclusão de impor um esquema tarifário na China a partir de uma investigação solicitada por Trump devido a sua desconfiança sobre as práticas ilegais de comércio que o país estaria fazendo durante anos. Isso resultou no presidente republicano, logo no dia seguinte, impor tarifas de 60 bilhões de dólares em produtos importados e anunciar uma lista dos produtos chineses que passariam a sofrer com uma taxa de 25% a mais nas trocas comerciais com os Estados Unidos (YORK, 2022).

Segundo Khan e Mehmood (2021) a guerra comercial é quando um Estado aumenta ou impõe tarifas para aumentar os custos de outro Estado em suas importações, estabelecendo o protecionismo comercial. Quando Trump estabeleceu, através de seu discurso, que estaria adotando o Isolacionismo para conduzir sua política externa, o campo comercial também foi considerado, já que assim a revisão dos acordos comerciais, a ameaça a países que buscavam questionar o *status quo* norte-americano e de maneira geral, o *America First*, são todas características de um Estado que busca defender seus interesses através dos ideais realistas e nacionalistas das relações internacionais. Khan e Mehmood afirmam que

Na esfera do Realismo, a guerra comercial é classificada como um estratagema egocêntrico-egoísta adotado por países concorrentes. Os estados envolvidos no processo atuam como uma entidade introvertida dominada pelos ganhos relativos. Os interesses nacionais são colocados acima do bem-estar global, já que a liderança política é responsável apenas pelo âmbito doméstico e pelo crescimento de sua própria economia (KHAN; MEHMOOD, 2021, p. 189).

A citação dos autores acima sintetiza bem como se sucedeu a guerra comercial entre os chineses e os norte-americanos que também gerou tensões no sistema internacional. De acordo com Kissinger,

Possíveis tensões entre uma potência estabelecida e outra em ascensão não são um fenômeno novo. É inevitável que a potência em ascensão invada esferas até então tidas como reservas exclusivas da potência estabelecida. Da mesma forma, a potência em ascensão suspeita que seu rival pretenda impedir o seu crescimento antes que seja tarde (KISSINGER, 2014, p. 159)

De acordo com Wang (2019) a preocupação com o crescimento exponencial da China e uma possível ameaça a hegemonia norte-americana em termos de poder levou Trump a adotar a agenda de sanções e tarifas econômicas. Wang (2019) ainda

diz que em comparação a abordagem adotada pelos últimos presidentes dos Estados Unidos, a política de Trump é a que mais é crítica quanto a expansão econômica e de capacidades em geral dos chineses, já que Obama e Bush mantiveram um grau de cooperação estratégica com a China. Diferentemente de Trump.

O relatório de 2017 da *National Security Strategy* (NSS) dos Estados Unidos é um exemplo da representação da alteração da política externa que Trump iria propor em seu governo com relação ao seu antecessor. O relatório apontou que os chineses tem a ambição de buscar ainda mais poder no sistema internacional através de uma expansão regional e global em todos os seus campos de influência, segundo Wang (2019). O autor ainda cita que, baseado no relatório,

O NSS colocou a América em primeiro lugar e propôs que os Estados Unidos devem proteger quatro interesses nacionais vitais neste mundo competitivo: primeiro, proteger o povo americano, a pátria e o modo de vida americano; segundo, promover a prosperidade americana; terceiro, preservar a paz por meio da força; e quarto, para aumentar a influência americana. Como a China foi considerada capaz de minar a prosperidade e a influência americana, o NSS declarou que os Estados Unidos devem estar totalmente preparados para competir com a China (WANG, 2019, p. 391, tradução livre).

Entretanto, de acordo com York (2022) a imposição de tarifas econômicas não é o melhor caminho, já que segundo a autora há uma comprovação histórica de que esse movimento de protecionismo comercial possui maiores reveses para o âmbito doméstico do que o exterior. Prejudicando os interesses nacionais. York (2018) usa como exemplo o esquema de tarifas adotado por Bush em 2002, que levou a um aumento dos preços domesticamente e a escassez de oferta sobre os produtos de aço. Isso também impactou o cenário internacional já que devido aos altos preços de compra, os consumidores se voltaram a outros mercados para fazer negócio como alternativa aos Estados Unidos. York diz que

As tarifas podem reduzir a produção dos EUA por meio de alguns canais. Uma possibilidade é que uma tarifa seja repassada aos produtores e consumidores na forma de preços mais altos. As tarifas podem aumentar o custo de peças e materiais, o que aumentaria o preço dos bens que utilizam esses insumos e reduziria a produção do setor privado. Isso resultaria em rendas mais baixas tanto para os donos do capital quanto para os trabalhadores. Da mesma forma, preços mais altos ao consumidor devido a tarifas reduziram o valor após impostos da renda do trabalho e do capital. Como os preços mais altos reduziram o retorno do trabalho e do capital, eles incentivariam os americanos a trabalhar e investir menos, levando a uma produção menor. Alternativamente, o dólar americano pode se valorizar em resposta às tarifas, compensando o potencial aumento de preços para os consumidores americanos. O dólar mais valioso, no entanto, dificultaria para

os exportadores venderem seus produtos no mercado global, resultando em receitas menores para os exportadores. Isso também resultaria em menor produção e renda dos EUA para trabalhadores e proprietários de capital, reduzindo incentivos para trabalho e investimento e levando a uma economia menor (YORK, 2022, n.p. tradução livre).

Embora York (2022) reforce as consequências sobre a aplicação de tarifas, o que se sucedeu foi uma série de conflitos econômicos com sanções aplicadas por Trump em muito outros países além da China. Gerando um momento instável na economia mundial. Embora em determinado momento Trump tenha declarado que “guerras comerciais são boas e fáceis de vencer” (TRUMP, 2018b, n.p. tradução livre), o posicionamento agressivo na taxaço de materiais essenciais para a competitividade de mercado norte-americano no cenário internacional, como o aço e alumínio, demonstra um desconhecimento da economia em geral por parte do governo do republicano. De acordo com Pettis (2021) é evidente que a política externa comercial de Trump não foi bem sucedida. A abordagem do presidente republicano trouxe mais malefícios do que benefícios aos Estados Unidos, pois suas ideias de como o comércio internacional funciona são ultrapassadas e não consideraram as fontes fundamentais necessárias para o país, segundo Pettis (2021). O autor diz que

Tarifas bilaterais sobre produtos chineses não fazem nada para mudar as distorções de renda na China que estimularam o país a gerar enormes superávits e exportar seus níveis deficientes de demanda doméstica. Essas tarifas também não abordam os mecanismos que enviam essas deficiências de demanda para as costas americanas. Como resultado, mesmo que as tarifas de Trump conseguissem reduzir o déficit bilateral dos EUA com a China, elas simplesmente fariam com que o déficit dos EUA com o resto do mundo, junto com o superávit da China com o resto do mundo, aumentasse em pelo menos tanto quanto (PETTIS, 2021, n.p. tradução livre).

Embora Pettis (2021) afirme que os movimentos de Trump frente ao conflito com a China não tenham sido favoráveis aos norte-americanos naquele momento em termos de aumento de empregos, fomentação da economia nacional e desenvolvimento de indústria, isso não foi um impeditivo para que Trump entregasse, ao final de seu mandato, números econômicos superiores em comparação a seus antecessores, Obama e Bush.

Segundo números da *Business Insider* (2020), Trump entregou mais empregos formais e informais durante os primeiros 3 anos, chegando a um total de 152 milhões de empregados na economia norte-americana em 2020, sem considerar trabalhadores rurais. Esse número é 19 milhões a mais do que Obama e 22 milhões

a mais do que Bush no mesmo período. Trump diminuiu o índice de desemprego chegando a cerca de 3,5% da população norte-americana, enquanto Obama terminou seu mandato com um índice de 5% e Bush com 7,3%. O republicano ainda aumentou os ganhos das ações da bolsa de valores dos Estados Unidos, aumentou a média de renda familiar dos norte-americanos e aumentou a média de salários para o mercado de trabalho chegando a um pico de 7,7%, 5,3% a mais do que Obama. Embora os indicadores da dívida federal, orçamento do governo e política externa comercial tenham se mantido em queda assim como de seus antecessores, esse último podendo ser explicado pela guerra comercial entre China e Estados Unidos no período, Trump passou por um período extraordinário que nenhum dos ex-presidentes enfrentaram. Algo que solidifica seus números econômicos, apesar das tomadas de decisão baseadas em ideologias e não nas condições do melhor cenário econômico possível. Isso pode explicar porque Trump tomou decisões visando o curto prazo e não médio ou longo prazo, implicando que o republicano buscaria uma reeleição para continuar trabalhando sobre a prática isolacionista de política externa.

Sobre a guerra comercial com a China, pode se interpretar também que além do presidente republicano não considerar todas as variáveis de suas decisões no cenário internacional, evidenciou que os Estados Unidos podem estar se tornando refém da China devido à maneira multilateral que o país asiático conduz sua economia, pois uma nação isolacionista no mundo globalizado de hoje, pode perder competitividade econômica, o que implicaria negativamente na economia doméstica. Segundo Kissinger (2014), a cooperação em uma ordem internacional com China e Estados Unidos é essencial para que haja o equilíbrio de poder entre as partes. O autor (1999), ao ser citado por Kegley e Raymond (2010, p. 76), também ressalta que questionamentos como “o que estamos tentando alcançar e o que prevenir? Quais consequências esperamos dessa decisão e quais os passos que temos em mente para lidar com ela?” (tradução livre), são determinantes para os líderes da política externa, que precisam considera-los antes de suas tomadas de decisão.

Por fim, o estudo da *USBC* (2021) afirma que as restrições tarifárias impostas pela administração de Trump machucaram os Estados Unidos, seus negócios e trabalhadores. “Reduzir tarifas beneficiaria o emprego e a renda familiar nos EUA. Por outro lado, se as tensões econômicas aumentassem ainda mais, isso prejudicaria a economia americana e reduziria o emprego” (*USBC*, 2021, p.24, tradução livre).

Além das tensões comerciais, Trump teve outro momento em sua política

externa, possivelmente o mais importante, que envolveu um cenário conturbado e conflituoso com a China que teve início no ano de 2019. Na ocasião, o presidente republicano precisou lidar com uma crise mundial de saúde, estabelecer estratégias de política externa que impactaram o mundo e liderar os Estados Unidos em um sistema internacional afetado pela pandemia do COVID-19.

3.6 A pandemia do COVID-19

Com os primeiros casos do que se tornou uma pandemia de coronavírus confirmado nos Estados Unidos no início de 2020, uma doença definida no final de 2019 pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como sendo causada pelo vírus SARS-CoV-2 e que afeta diretamente a imunidade das pessoas causando febres, falta de ar, cansaço, perda de paladar etc., o sistema internacional colapsou (WHO, 2023a). Ainda de acordo com a OMS, em um estudo sobre as origens do vírus realizado em 2021, a pandemia provavelmente teria surgido na China, com os primeiros casos ocorrendo no fim de 2019 na cidade de Wuhan a partir de pacientes que tiveram contato com frutos do mar contaminados em um mercado local. Com um aumento exponencial dos casos por todo mundo e as organizações de saúde alertando sobre a necessidade de seguir medidas protetivas para evitar que a contaminação se espalhasse, diversos países precisaram tomar precauções como fechar as fronteiras, proibir viagens, fechar portos marítimos, entre outros. No entanto, para o presidente norte-americano Donald Trump, havia outras considerações antes de declarar um estado de alerta nos Estados Unidos, o que levou o republicano a adotar uma abordagem despreocupada sobre o problema.

De acordo o *The Washington Post* (2020), sobre a crise da pandemia e como ela afetou os Estados Unidos,

A catástrofe começou com a recusa inicial de Trump em levar a sério a ameaça de uma pandemia única no século. Mas, como detalharam as autoridades, foi agravado ao longo do tempo por uma série de características presidenciais prejudiciais – seu ceticismo em relação à ciência, impaciência com restrições de saúde, priorização de políticas pessoais sobre a segurança pública, comunicações indisciplinadas, estilo de gestão caótico, indulgência com conspirações, propensão para ao pensamento fantasioso, permissão para guerras territoriais e flagrante desrespeito pelo bem-estar daqueles ao seu redor (ABUTALEB; PARKER; DAWSEY; RUCKER, 2020, n.p. tradução livre)

A matéria (2020) acredita que a falta de crença de Trump nos cientistas e nas

suas afirmações sobre o perigo do vírus levaram a uma política branda do presidente norte-americano. Além disso, o alto número de apoiadores conservadores do republicano ajudou no reforço de seu discurso, que de acordo com os especialistas na área da saúde citados no texto (2020), como a vice diretora do Centro de Segurança em Saúde do John Hopkins, Ana Cicero e o ex diretor dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos no governo Obama, Tom Frieden, contribuiu com o aumento dos casos da Covid-19 devido a imprudência com as medidas protetivas, principalmente quanto ao uso de máscaras e à falta de liderança ativa do republicano para as comunidades mais afetadas. Apesar das políticas domésticas serem mais impactadas com as atitudes de Trump, junto de seu discurso e abordagem despreocupada, à medida que a situação foi se desenrolando, impactou todo o sistema internacional e levou a uma série de manifestações do presidente republicano que não se confirmaram conforme a pandemia avançava.

Em um de seus primeiros pronunciamentos oficiais Trump, em fevereiro de 2020, se mostrou despreocupado com a pandemia, tendo inclusive dito que esta iria “desaparecer milagrosamente” em algum momento pelo mês de abril (2020b). Nesse mesmo período, o republicano afirmou que tudo estava sob controle e que os Estados Unidos ainda não haviam tido fatalidades por conta do vírus (2020b). O discurso de Trump mudaria a partir da declaração da OMS tratando a pandemia como um problema global em março de 2020. Na ocasião, o presidente emitiu um pronunciamento sobre o assunto com seriedade, tendo inclusive referenciado que as medidas de restrições de viagens e uma quarentena rígida havia sido aplicada e que os Estados Unidos estavam buscando atender e ajudar todas as comunidades atingidas pela crise. No entanto, Trump alternou em seus posicionamentos indo de tratar o problema com a devida seriedade ao disseminar *fake news*, tais como se seria possível combater o vírus com calor e luz ou até usar desinfetante e tomar hidroxicloroquina para a imunização (BBC NEWS, 2020).

Ressalta-se que a promoção das *fakes news*, que são amplamente conhecidas como notícias falsas com o propósito de disseminar desinformação, foram criadas diversas vezes por Trump durante e antes mesmo de seu governo. Um exemplo disso são as inúmeras vezes que Trump declarou que as mudanças climáticas são falsas, afirmando que “o conceito de aquecimento global foi criado por e para os Chineses para que pudessem fazer a produção dos Estados Unidos não competitiva” (TRUMP, 2012, n.p. tradução), reproduzindo uma fala de Patrick Moore, cofundador do

Greenpeace onde esse afirma que “toda a crise climática não é apenas *fake news*, é ciência *fake*. Não há crise climática, há o tempo e o clima ao redor do mundo e de fato o dióxido de carbono é o principal bloqueador de toda a vida” (TRUMP, 2019b, n.p. tradução livre), entre outras. No entanto, com a pandemia do Covid-19 ainda sendo estudada e tentando ser entendida pelos cientistas, houve o aumento na disseminação destas *fake news*.

De acordo com um estudo da *Cornell University* realizado em 2020 por pesquisadores, Donald Trump teria sido o maior disseminador de desinformação durante a pandemia em relação a quantidade de vezes em que menções de afirmações suas eram apontadas na mídia. Esse processo, descrito pela OMS como infodemia em 2020, conceito que segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2021) se refere ao um grande número de informações falsas ou verdadeiras, mas que torna difícil para a população em validá-las como verídicas, tem como seu principal ator o presidente republicano com quase 38% de menção em matérias, artigos ou qualquer tópico relacionado a notícias falsas e não embasadas ou comprovadas cientificamente, diz o estudo da universidade norte-americana (2020). Evanega, Lynas, Adams e Smolenyak (2020), os pesquisadores do trabalho, ainda levantam as teorias e conspirações acerca da pandemia, onde alguns atribuem o surgimento do vírus a uma farsa criada pelo partido democrata, interesse de Bill Gates na área da saúde, controle populacional e até criação de arma bioquímica pelos chineses.

É possível notar que todas essas suposições são carregadas de uma carga ideológica e pessoal muito grande, principalmente as que se referem a China como a responsável consciente do vírus e que essa teria usado da pandemia para reorganizar o sistema internacional e assim estabelecer uma nova ordem mundial a tendo como potência dominante. Essa suposição, que gerou uma onda de ataques a pessoas asiáticas nos Estados Unidos e no mundo (ABC NEWS, 2021), só foi reforçada ainda mais por Trump, já que em determinados momentos o presidente norte-americano usou o termo “vírus chinês” ou “vírus da China” para dirigir-se ao coronavírus em seus pronunciamentos (TRUMP, 2021).

Segundo um compilado do *The Washington Post* (2020), Trump pareceu sempre se manter otimista quanto a solução do problema, mas sem ações efetivas que pudessem justificar isso. Mais de uma vez o presidente norte-americano declarou que o vírus sumiria, indicando um período futuro no tempo como referência e que

também, embora os dados de dezembro de 2020 da OMS mostrassem mais de 19 mil mortes e 1 milhão de caso confirmados nos Estados Unidos (WHO, 2023b), os números do país da eram menores do que se esperava, reforçando sempre que sua administração estava fazendo um bom trabalho quanto a busca por uma vacina e métodos de prevenção efetivos. Baseado nessas informações, pode-se afirmar que a retórica de Trump isolou os norte-americanos quanto a antecipação do problema. O negacionismo, tanto na fala quanto na postura de um os principais líderes do mundo, pode ter custado a vida de milhares de norte-americanos que confiaram no julgamento de seu presidente. Nesse âmbito, o discurso pré-pandemia do presidente em defender os interesses nacionais acima de tudo não pode se aplicar, pois foi justamente sua ideologia e opiniões próprias que feriram seu povo.

Outro problema identificado na gestão da pandemia pelo governo de Trump foi o baixo orçamento destinado para a área da saúde logo no início de se governo e as consequências disso a partir do início da pandemia. De acordo com Julian Borger, do *The Guardian* (2020), é possível que a má gestão inicial do orçamento destinado a pesquisas, projetos e desenvolvimentos na área da saúde pela administração de Trump tenha deixado os Estados Unidos despreparado para a Covid-19. Ainda segundo Borger (2021), a escolha de John Bolton como conselheiro de segurança nacional reforça a mudança na agenda do governo de Trump, já que Bolton não via problemas na área da saúde como prioridades a segurança do país, mesmo que um pouco antes do início da pandemia, este tenha sido demitido por Trump em virtude de divergência de opiniões com o presidente norte-americano (BBC, 2019). Borger também cita que,

O financiamento também foi cortado drasticamente para os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), forçando-o a reduzir ou interromper os esforços de prevenção de epidemias em 39 dos 49 países que vinha ajudando. Entre os países onde os esforços do CDC foram reduzidos estão Haiti, Ruanda e República Democrática do Congo, bem como a China, onde a agência prestou assistência técnica. Em seu orçamento de 2020, o governo Trump propôs um corte adicional de 10% no financiamento do CDC, equivalente a US\$ 750 milhões. Zerou o financiamento para epidemiologia e capacidade laboratorial nos níveis estadual e local (BORGER, 2021, n.p. tradução livre).

A afirmação de Borger pode indicar o porquê, mesmo com os esforços de Trump e sua equipe, que segundo Sarah Matthews, porta voz da Casa Branca citada pelo *The Washington Post* (2020), consistiram em uma resposta histórica da situação

com a compra de 100 mil respiradores, o estabelecimento do maior centro de testes de vacina do mundo, suporte aos profissionais de saúde na linha de frente do combate ao vírus e uma liderança ousada e inovadora de Trump, os Estados Unidos totalizaram ao final da pandemia, decretado no dia 05 de maio de 2023 pelo diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, mais de 1 milhão de mortes entre os mais de 100 milhões de casos confirmados, ranqueando em 1º lugar entre todas as nações do mundo em ambas as estatísticas (WHO, 2023b). Nem mesmo a criação da OWS (*Operation Warp Speed*) em 2020, um programa que visava uma parceria entre as entidades da saúde, setor privado e Defesa Nacional para o desenvolvimento, controle e distribuição de vacinas (NEJM, 2020), foi capaz de frear a pandemia. O discurso passivo de Trump perante ao problema e sua comunicação despreocupada com as palavras, servirão de exemplo para próximas situações de gerenciamento de crise nos Estados Unidos (THE WASHINGTON POST, 2020).

É importante ressaltar que os movimentos de Trump para combater e controlar a crise do coronavírus também podem ser indicativos de interesse político para reeleição que o republicano iria tentar no ano subsequente, 2021. De acordo com autora Edna da Silva (2021), a mudança da postura de Trump após uma resposta tardia, manifestações infundadas e discordância da ciência quanto a pandemia, deve-se a impacto econômico que os norte-americanos, assim como o resto do mundo, sofreram e que esse era um quadro que precisava se reverter para que o republicano tivesse alguma chance de se reeleger presidente. Sendo inclusive sob esse cenário onde surge a OWS, como uma forma de promover uma corrida pela vacina e deixando os Estados Unidos em uma posição de liderança na busca pelas vacinas e sua distribuição. Dessa maneira, a autora cita que

Em face do consenso de que a vacina seria a única alternativa para retorno à normalidade, Trump conciliou seu negacionismo com esforços para produzir uma vacina para os Estados Unidos. Historicamente, o desempenho econômico no ano eleitoral tem importância decisiva nas eleições norte-americanas. Por isso, Trump tentando recuperar sua imagem de liderança, associava a crise econômica aos efeitos da crise sanitária, portanto, colocando a vacina como seu principal trunfo para a disputa eleitoral (SILVA, 2021, p. 284)

Essa afirmação pode ser corroborada com os incentivos econômicos direcionados por Trump para a população no final de seu mandato em 2020, onde o então presidente norte-americano sancionou um pacote econômico de 2,3 trilhões de

dólares, incluindo 900 bilhões para o combate a pandemia e um auxílio-desemprego de 600 dólares para a população estadunidense (CNN, 2020).

Para Silva (2021), a politização da vacina evidenciou uma ruptura social, política e econômica dos Estados Unidos, já que mesmo com as evidências científicas sobre as questões envolvendo a pandemia, como sua origem e seus efeitos, o negacionismo, muitas vezes propagado por Trump, ainda formava uma base forte e grande de apoiadores e conspiracionistas. O que acabou gerando um conflito direto entre ciência e política, refletindo os valores do conservadorismo norte-americano na imagem de Trump.

Por fim, embora o republicano tenha tentado a reeleição, o que se sucedeu foi que seu principal concorrente na corrida presidencial de 2020, o democrata Joe Biden, foi vitorioso. É possível que a vitória de Biden diga mais sobre a incapacidade de Trump em ter gerenciado melhor a crise do Covid-19 e as tensões no sistema internacional, muitas vezes incitadas por ele, do que propriamente um mal governo de maneira geral. Mesmo com os problemas em seu discurso nacionalista, os constantes conflitos com mídia e o isolamento do sistema internacional, o republicano obteve melhores resultados econômicos nos primeiros dois anos em comparação a seu antecessor. No entanto, também é possível afirmar que embora seu discurso tenha referenciado os interesses americanos como prioridade, seus movimentos políticos pareceram sempre contemplar algum tipo de interesse pessoal para Trump, garantindo benefícios próprios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como a política isolacionista adotada por Donald Trump durante seu período como presidente dos Estados Unidos impactou nas relações internacionais do país e de maneira geral no sistema internacional. Além disso, essa monografia pretendeu expor os motivos por trás da escolha do Isolacionismo, identificar as principais ações de política externa e seu efeito nas relações internacionais e apontar os principais acontecimentos no cenário internacional para refletir sobre a posição norte-americana na época. Esses pontos se encontram referenciados na página 7 desta pesquisa, assim como as hipóteses levantadas para conjecturar sobre o porquê da adoção dessa abordagem de política externa.

Por meio da análise de discurso de Trump e suas principais ações como presidente norte-americano, foi possível identificar as pretensões do republicano, que embora transmitiam a sensação de que eram voltadas ao interesse nacional do povo, acabavam, muitas vezes, podendo-se visualizar possíveis ganhos pessoais para esse. Observa-se que a opção pelo Isolacionismo é a evidência do redirecionamento de política externa total que Trump promoveu em seu mandato. A revolta da classe conservadora dos Estados Unidos, afetada pela abertura comercial internacional proposta pelos governos de Obama, acarretou em um descontentamento dessa parte da população devido a índices de desemprego alto e instabilidade econômica. Essa situação reforçou o sentimento nacionalista dos norte-americanos, o qual Trump explorou trazendo de volta o Isolacionismo como uma resposta aos governos antecessores liberais que visavam relações multilaterais sem considerar os interesses dos Estados Unidos como prioridade.

Através de suas ações, que acabaram por ser alguns dos principais acontecimentos no sistema internacional na época, Trump promoveu a revisão e saída de acordos comerciais e tratados internacionais sob o discurso da defesa dos interesses norte-americanos. Como principal exemplo, e que é desenvolvido nesse trabalho, a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris representou um impacto significativo nas relações internacionais, pois além de mostrar que pautas ambientais não eram prioridade na agenda de Trump, também evidenciou que o então presidente buscava resultados econômicos e políticos a curto e/ou médio prazo. Outro exemplo é a abordagem do problema da imigração, onde além de impor restrições de viagem a

países do Oriente Médio, Trump solicitou a construção de um muro na fronteira dos Estados Unidos com o México como forma de reforço contra imigração ilegal. Essa rapidez por políticas efetivas e que cumpram com o discurso que o elegeu, mostram que Trump já pensava sobre uma possível tentativa de reeleição e que como um bom primeiro ano de mandato ajudaria a manter o apoio de seu eleitorado para uma outra vitória política no futuro.

Ainda que Trump sempre tenha enfatizado a importância dos interesses norte-americanos e do bem-estar do povo como prioridade para seu governo, muitas de suas ações de política externa mostraram o contrário. Vários posicionamentos do republicano foram responsáveis por aumentar as tensões internacionais, gerar conflitos comerciais com a China e afetar diretamente a condução da crise do coronavírus. Desta maneira, é possível apontar que Trump não cumpriu totalmente com seu discurso de campanha, já que embora tenha tomado ações iniciais como já mencionadas, o republicano não foi capaz de manter uma consistência em suas tomadas de decisão. Essa situação, muitas vezes, refletiu em conflitos e tensões que não eram benéficos aos Estados Unidos e evidenciaram a personalidade impulsiva, soberba e fantasiosa com a qual Trump manifestava sua política.

Essa afirmação pode ser exemplificada pela má gestão de Trump perante a pandemia do coronavírus. O então presidente norte-americano foi negligente quanto a importância do problema inicialmente e não colaborou com as autoridades sanitárias para a prevenção de danos ao povo norte-americano. Além de continuamente fazer afirmações sem comprovação científica sobre a pandemia, algo que levantou tópicos como *fakes news* e infodemia, Trump desdenhava do problema e buscava atribuir a culpa aos chineses. É provável que esse momento do governo do republicano tenha sido determinante para sua não continuidade como presidente.

O período de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos foi marcado por uma reorientação total dos norteadores da política externa do país. Conforme Hermann (2004), essa é a forma mais extrema de mudança na política externa, pois é desconsiderado tudo que se antecedeu em razão de uma abordagem diferente no tocante das relações externas. Dessa maneira, conclui-se que o isolamento dos Estados Unidos no governo Trump, consciente e promovido sob um discurso nacionalista e ideológico, marcou o recuo da defesa do *status quo* e a perda de influência norte-americana nas relações internacionais, já que economicamente os Estados Unidos regrediram a relações bilaterais ou unilaterais, foram afetados com a

crise do coronavírus, tendo o complicador de sua principal liderança ter um discurso contrário do senso comum e ainda, politicamente, buscaram fomentar tensões internacionais e conflitos comerciais a partir de tomadas de decisões questionáveis quanto a sua real intenção.

REFERÊNCIAS

- ABUTALEB, Yasmeen; PARKER, Ashley; DAWSEY, Josh; RUCKER, Philip. **The inside story of how Trump's denial, mismanagement and magical thinking led to the pandemic's dark winter.** The Washington Post, Washington. 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/politics/trump-covid-pandemic-dark-winter/>> Acesso em: 07 de maio. 2023.
- ALBERT, Eleanor. **The China–North Korea Relationship.** Council on Foreign Relations. [s.l.]. 2019. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/china-north-korea-relationship#chapter-title-0-3>> Acesso em: 30 de março. 2023.
- ARMANIAN, Nazanín. **Las nueve razones de EEUU para declarar la guerra a Venezuela.** [s.l.]. 2019. Disponível em: <<https://blogs.publico.es/puntoyseguido/5517/las-nueve-razones-de-eeuu-en-declarar-la-guerra-a-venezuela/>> Acesso em: 15 de abril.2023.
- ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações.** Tradução de Sergio Bath. São Paulo. Editora Universidade de Brasília e Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/43-Paz_e_Guerra_entre_as_Nacoes.pdf> Acesso em: 17 de agosto. 2022.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002 p. 189-217. Disponível em: <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>> Acesso em: 23 de nov. 2022.
- BBC NEWS. **Barack Obama: o primeiro negro na Presidência dos EUA.** [s.l.]. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55958325>> Acesso em: 24 de março. 2023.
- BBC NEWS. **Por que os serviços de inteligência dos EUA acham que a Rússia interferiu na eleição de Trump.** [s.l.]. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38525951>> Acesso em: 12 de abril. 2023.
- BBC NEWS. **Quais as evidências de ataque químico na Síria e por que ele elevou a tensão no mundo.** [s.l.]. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43715051>> Acesso em: 26 de março. 2023.
- BBC NEWS. **Visita histórica: O que Barack Obama quer em Cuba?** [s.l.]. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160320_visita_obama_cuba_rm> Acesso em: 26 de março. 2023.
- BLACKWILL, Robert; RAPPLEYE, Theodore. **Trump's Five Mistaken Reasons for Withdrawing from the Trans-Pacific Partnership.** [s.l.]. 2017. Foreign Policy. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2017/06/22/trumps-five-mistaken-reasons-for-withdrawing-from-the-trans-pacific-partnership-china-trade-economics/>> Acesso

em: 20 de out. 2022.

BLAKE, Aaron; RIEGER, Jm. Timeline: **The 201 times Trump has downplayed the coronavirus threat**. The Washington Post, Washington. 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/politics/2020/03/12/trump-coronavirus-timeline/>> Acesso em: 8 de maio. 2023.

BORGER, Julian. **US underprepared for coronavirus due to Trump cuts, say health experts**. The Guardian, Washington. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/jan/31/us-coronavirus-budget-cuts-trump-underprepared>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

CALEGARI, Daniela. **Neofuncionalismo e Intergovernamentalismo: Preponderância ou Coexistência na União Europeia?** Goiás, Centro de Direito Internacional. Revista Eletrônica de Direito Internacional, vol. 5, 2009, pp. 91-131. Disponível em: <<https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17553/material/3.1%20ARTIGO%20-%20Neofuncionalismo%20e%20Intergovernamentalismo.pdf>> Acesso em: 27 de março. 2023.

CARR, Edward. **Vinte Anos de Crise**. Tradução de Eiiti Sato. São Paulo. Editora Universidade de Brasília e Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte_Anos_de_Crise_-_1919-1939.pdf> Acesso em: 17 de agosto. 2022.

CILLIZZA, Chris; WILLIAMS, Brenna. **15 times Donald Trump praised authoritarian rulers**. CNN, [s.l.]. 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/07/02/politics/donald-trump-dictators-kim-jong-un-vladimir-putin/index.html>> Acesso em: 12 de abril. 2023.

CNN BRASIL. **Trump assina pacote de socorro em meio à pandemia e evita paralisação do governo**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/trump-assina-pacote-de-socorro-em-meio-a-pandemia-e-evita-paralisacao-do-governo/>> Acesso em: 11 de maio. 2023.

DICIO. **Narcisista**. [s.l.]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/narcisista/>> Acesso em: 03 de abril. 2023.

CONFESSORE, Nicholas; KURMANAEV, Anatoly; VOGEL, Kenneth P. **Trump, Venezuela and the Tug-of-War Over a Strongman**. The New York Times, Nova Iorque. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/11/01/us/trump-venezuela-maduro.html>> Acesso em: 16 de abril. 2023.

EL PAÍS. **Resultados das eleições nos Estados Unidos 2016**. [s.l.]. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/especiais/2016/eleicoes-eua/resultados-eleitorais/>> Acesso em: 24 de março. 2022.

EVANEGA, Sarah; LYNAS, Mark; ADAMS, Jordan; SMOLENYAK, Karinne. **Coronavirus misinformation: quantifying sources and themes in the COVID-19 “infodemic”**. Nova Iorque, 2020. The Cornell Alliance for Science, Department of

Global Development Cornell University Ithaca, NY. Disponível em:
<<https://int.nyt.com/data/documenttools/evanega-et-al-coronavirus-misinformation-submitted-07-23-20-1/080839ac0c22bca8/full.pdf>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

FIGUEIREDO, Dannel; MORAES, Isabela. **Crise da Venezuela: entenda o país com dois presidentes**. Politize, [s.l.]. 2019. Disponível em:
<<https://www.politize.com.br/crise-da-venezuela-e-dois-presidentes/>> Acesso em: 14 de abril. 2023.

FINGUERUT, Ariel; OLIVEIRA, Thayris de. **Trump e Putin são os dois lados da mesma moeda? As tendências autoritárias e populistas nos Estados unidos e na Rússia contemporâneos**. [s.l.]. Revista tempo do mundo | rtm | v. 4 | n. 2 | jul. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/10-Texto%20do%20artigo-40-1-10-20191011.pdf> Acesso em: 13 de abril. 2023.

FUENTE, Erich de la. **U.S. Foreign Policy Towards Latin America Under Trump: Beyond Business as Usual**. Madrid. 2017. Disponível em:
<https://ideas.iloenteycuenca.com/wpcontent/uploads/sites/5/2017/07/170720_DI_Report_Foreign_Policy_US_LATAM_ENG-1.pdf> Acesso em: 15 de abril. 2023.

GANGEL, Jamie; HERB, Jeremy. **'Temos uma amizade muito especial': cartas entre Trump e Kim são reveladas**. CNN Brasil, [s.l.]. 2020. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/temos-uma-amizade-muito-especial-cartas-entre-trump-e-kim-sao-reveladas/>> Acesso em: 10 de abril. 2023.

GARCÍA-SAISÓ, Sebastián; MARTI, Myrna; BROOKS, Ian; CURIOSO, Walter H; GONZÁLEZ, Diego; MALEK, Victoria; et al. **The COVID-19 Infodemic**. [s.l.]. 2021. Pan American Journal of Public Health. Disponível em:
<<https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/54452/v45e562021.pdf?sequence=5&isAllowed=y>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. **Twitter**. [s.l.]. 2023. Disponível em:<https://twitter.com/DrTedros/status/1654484522358939650?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1654484522358939650%7Ctwgr%5E1a2cbe6746788ef7ce3beccfc2183c315b192cb4%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fnews.un.org%2Fen%2Fstory%2F2023%2F05%2F1136367> Acesso em: 11 de maio. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em:
<<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 23 de nov. 2022.

HALTIWANGER, John; SHETH, Sonam. **Trump says he has no financial interests in Russia. Here's a run-down of the decades his businesses have spent trying make his mark there**. Business Insider, [s.l.]. 2021. Disponível em:<<https://www.businessinsider.com/trump-russia-business-financial-ties-2018-11>> Acesso em: 13 de abril. 2023.

HERMANN, Charles. **Changing Course: When Governments Choose to Redirect**

Foreign Policy. Columbus. International Studies Quarterly, Vol. 34, No.1, 2004. The Ohio State University. Disponível em: <<http://www.voxprof.com/cfh/hermann-pubs/HermannChanging%20Course%20When%20Governments%20Choose%20to%20Redirect.pdf>> Acesso em: 18 de agosto. 2022.

JEFFREY, James F. **The Trump Foreign Policy Legacy in the Middle East.** Turkish Policy, Washington. 2021. Disponível em: <<http://turkishpolicy.com/article/1040/the-trump-foreign-policy-legacy-in-the-middle-east>> Acesso em: 11 de abril. 2023.

JUUL, Peter; GUDE, Ken. **Reckless Endangerment: President Trump and the Use of Military Force.** American Progress, [s.l.]. 2017. Disponível em: <<https://www.americanprogress.org/article/reckless-endangerment-president-trump-use-military-force/#f4>> Acesso em: 8 de abril. 2023.

KEGLEY, Charles; RAYMOND, Gregory. **The Global Future: A Brief Introduction to World Politics.** Boston. 2010. Disponível em: <<http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/6169/1/113.pdf> >Acesso em: 18 de outubro. 2022.

KHAN, Ramla; MEHMOOD, Zaeem Hassan. **Revisando a guerra comercial Eua-China: Uma avaliação estratégica.** [s.l.]. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais e-ISSN 2238-6912 | ISSN 2238-6262| v.10, n.19, Jan./Jun. 2021 | p.187-205. Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/113193-Article%20Text-479607-1-10-20210706.pdf>> Acesso em: 18 de abril. 2023.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial.** Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2014. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Henry-Kissinger-Ordem-Mundial.pdf>> Acesso em: 10 de abril. 2023.

LISSARDY, Gerardo. **Como Trump definiu os 7 países da polêmica proibição de entrada aos EUA?** BBC News, Nova Iorque. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38808841>> Acesso em: 05 de abril 2022.

LONGLEY, Robert. **The Evolution of American Isolationism.** ThoughtCo, [s.l.]. 2022. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/the-evolution-of-american-isolationism-4123832>> Acesso em: 27 de maio. 2023.

LONGLEY, Robert. **What Is Nationalism? Definition and Examples.** ThoughtCo, [s.l.]. 2021. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/nationalism-definition-4158265>> Acesso em: 18 de agosto. 2022.

MATTOS, Angelo Raphael. **Um balanço da política externa de Donald Trump.** [s.l.]. Observatório Político dos Estados Unidos. 2020. Disponível em: <<https://www.opeu.org.br/2020/05/30/um-balanco-da-politica-externa-de-donald-trump/>> Acesso em: 9 de abril. 2023.

MCADAMS, Dan P. **The mind of Donald Trump**. The Atlantic, [s.l.]. 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2016/06/the-mind-of-donald-trump/480771/>> Acesso em: 29 de abril. 2023.

MEARSHEIMER, John. **Kissing Cousins: Nationalism and Realism**. Chicago. 2011. Universidade de Chicago. Disponível em: <http://www.sneps.net/t/images/Articles/11Mearsheimer_nationalism%20and%20realism.PDF> Acesso em: 17 de outubro. 2022.

MORGENTHAU, Hans. **Políticas entre nações**. 1948. Tradução de Oswaldo Biato. Brasília. Editora Universidade de Brasília e Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf> Acesso em: 25 de março. 2022.

NBC NEWS. **Watch Historic Meeting Between Trump, Kim Jong Un In the DMZ | NBC News**. [s.l.]. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P5QpCaMHJjQ&t=39s>> Acesso em: 04 de abril. 2023.

NETO, José Francelino Galdino. **Os fantasmas do Vietnã na guerra ao terror: a política externa de Barack Obama e a tese das duas presidências**. Recife. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30001/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Jos%c3%a9%20Francelino%20Galdino%20Neto.pdf>> Acesso em: 03 de abril. 2023.

ONU. **Acordo de Paris sobre o Clima**. Nações Unidas Brasil, [s.l.]. 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima>> Acesso em: 28 de março. 2023.

OXFORD ECONOMICS. **The US-China Economic Relationship: A Crucial Partnership at a Critical Juncture**. The US-China Business Council, Oxford. 2021. Disponível em: <https://www.uschina.org/sites/default/files/the_us-china_economic_relationship_-_a_crucial_partnership_at_a_critical_juncture.pdf> Acesso em: 24 de abril. 2023.

PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017): Dinâmicas políticas de consenso e polarização**. Revista Esboços, Florianópolis, v.24, n.38, p. 339-359, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n38p339/37522>>. Acesso em: 15 de março. 2022.

PETTIS, Michael. **How Trump's Tariffs Really Affected the U.S. Job Market**. [s.l.]. 2021. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/chinafinancialmarkets/83746>> Acesso em: 24 de abril. 2023.

REJA, Mishal. **Trump's 'Chinese Virus' tweet helped lead to rise in racist anti-Asian Twitter content: Study**. ABC News, [s.l.]. 2021. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Health/trumps-chinese-virus-tweet-helped-lead-rise->

racist/story?id=76530148> Acesso em: 10 de maio. 2023.

ROIG, Joseph Zeballos. **Trump boasts the economy reached historic heights during his first term. Here are 9 charts showing how it stacks up to the Obama and Bush presidencies.** Business Insider, [s.l.]. 2020. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/charts-contrasting-trump-economy-obama-bush-administrations-republicans-democrats-2020-10>> Acesso em: 11 de maio. 2023.

ROY, Diana. **Why Biden Is Restarting the Trump-Era 'Remain in Mexico' Program.** Council on Foreign Relations, [s.l.]. 2022. Disponível em: <<https://www.cfr.org/in-brief/why-biden-restarting-trump-era-remain-mexico-program>> Acesso em: 14 de abril. 2023.

SENRA, Ricardo. **Quem é John Bolton, assessor de segurança nacional demitido por Trump.** BBC News, Washington. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49639672>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

SILVA, Edna Aparecida da. **Trump, do negacionismo climático à Operation Warp Speed: crise, mobilizações e a politização da vacina nos Estados Unidos.** [s.l.]. Revista tempo do mundo | rtm | n. 26 | ago. 2021. Disponível em: <https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/rtm/211005_rtm_26_ar t8.pdf> Acesso em: 10 de maio. 2023.

SLAOUI, Moncef; HEPBURN, Matthew. **Developing Safe and Effective Covid Vaccines — Operation Warp Speed's Strategy and Approach.** The New England Journal of Medicine, [s.l.]. 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2027405>> Acesso em: 11 de maio. 2023.

SMITH, David; GAMBINO, Lauren. **Rex Tillerson nominated as Donald Trump's secretary of state.** The Guardian, Washington. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/dec/13/rex-tillerson-named-as-donald-trumps-secretary-of-state-exxon-mobil-chief-putin>> Acesso em: 29 de março. 2023.

SPARROW, Thomas. **Como a crise da Ucrânia afastou Obama de Putin.** BBC News, Washington. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140904_ucrania_obama_putin_rm> Acesso em: 13 de abril. 2023.

THE GUARDIAN. **'A rogue' and a 'dotard': Kim Jong-un's statement on Trump in full.** [s.l.]. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/22/a-rogue-and-a-gangster-kim-jong-uns-statement-on-trump-in-full>> Acesso em: 03 de abril. 2023.

THE WALL STREET JOURNAL. **Trump: TPP 'Greatest Danger Yet' to U.S. Manufacturing.** [s.l.]. 29 de jun. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4XCeXPr4azg>> Acesso em: 26 de março. 2022

TOLLEFSON, Jeff; SCHIERMEIER, Quirin. **How scientists reacted to the US**

leaving the Paris climate agreement. Nature, [s.l.]. 2017. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/nature.2017.22098>> Acesso em: 29 de março. 2023.

TRUMP, Donald. **President Trump withdraws US from Paris climate change agreement (full remarks).** Washington. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5uPoZhFrJ7Y>> Acesso em: 29 de março. 2023.

TRUMP, Donald. **Trump: NKorea Will Be Met with 'Fire and Fury'.** Bedminster. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8p1JlgTuKQk>> Acesso em: 30 de março. 2023.

TRUMP, Donald. **WATCH: President Trump delivers first address to UNGA.** Nova Iorque. 2017c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rTGMu8BrzS8>> Acesso em: 30 de março. 2023.

TRUMP, Donald. **President Trump Statement on Soleimani.** Palm Beach. 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MNpvlS0LR0Y>> Acesso em: 11 de abril. 2023.

TRUMP, Donald. **Donald Trump Takes Vladimir Putin's Compliment | MSNBC.** [s.l.]. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T50EGndMJnM&t=1s>> Acesso em: 12 de abril. 2023.

TRUMP, Donald. **FULL SPEECH: President Trump Addresses Crisis in Venezuela.** Miami. 2019a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBYs1NWOp1Q>> Acesso em: 14 de abril. 2023.

TRUMP, Donald. **Trump hits China with tariffs.** CNN, Washington. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2_fp2XVnao> Acesso em: 18 de abril. 2023.

TRUMP, Donald. **Donald Trump calls Covid-19 the 'China virus'- FILE.** Nation. [s.l.]. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xyD6ToDqY4>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

TRUMP, Donald. **O que Donald Trump já disse sobre a covid-19.** BBC News, [s.l.]. 2020b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D7rQLzAbEWs>> Acesso em: 08 de maio. 2023.

TRUMP, Donald. **Twitter.** [s.l.]. 2018b. Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/969525362580484098>> Acesso em: 23 de abril. 2023.

TRUMP, Donald. **Twitter.** [s.l.]. 2012. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/265895292191248385?lang=el>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

TRUMP, Donald. **Twitter**. [s.l.]. 2019b. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1105445788585467904?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1105445788585467904%7Ctwgr%5Efef0527cfe32e70d1b8de17757c8bdca2fe31e05%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.cnn.com%2F2019%2F03%2F12%2Fus%2Ftrump-climate-change-tweet-patrick-moore%2Findex.html> Acesso em: 10 de maio. 2023.

TRUMP WHITE HOUSE. **Joint Statement of President Donald J. Trump of the United States of America and Chairman Kim Jong Un of the Democratic People's Republic of Korea at the Singapore Summit**. Singapura. 2018. Disponível em: <<https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/joint-statement-president-donald-j-trump-united-states-america-chairman-kim-jong-un-democratic-peoples-republic-korea-singapore-summit/>> Acesso em: 03 de abril. 2023.

UNITED NATIONS: CLIMATE CHANGE. **The Paris Agreement**. [s.l.]. 2015. Disponível em: <<https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement>> Acesso em: 29 de março. 2023.

U.S. GOVERNMENT. Federal Register. **Executive Order 13767**. Washington. Border Security and Immigration Enforcement Improvements. Vol. 82, No. 18 / Presidential Documents, Section 1. 2017a. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-2017-01-30/pdf/2017-02095.pdf> > Acesso em: 03 de abril. 2022.

U.S. GOVERNMENT. Federal Register. **Executive Order 13769**. Washington. Protecting the Nation from Foreign Terrorist Entry into the United States. Vol. 82, No. 20 / Presidential Documents, Section 1. 2017b. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-2017-02-01/pdf/2017-02281.pdf>> Acesso em: 05 de abril. 2022.

WANG, Zhaohui. **Understanding Trump's Trade Policy with China: International Pressures Meet Domestic Politics**. Incheon. Pacific Focus, Vol. XXXIV, No. 3, 376–407.doi: 10.1111/pafo.121482019 Center for International Studies, Inha University. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338085025_Understanding_Trump's_Trade_Policy_with_China_International_Pressures_Meet_Domestic_Politics> Acesso em: 17 de abril. 2023.

WARRICK, Joby; NAKASHIMA, Ellen; FIFIELD, Anna. **North Korea now making missile-ready nuclear weapons, U.S. analysts say**. The Washington Post, Washington. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/national-security/north-korea-now-making-missile-ready-nuclear-weapons-us-analysts-say/2017/08/08/e14b882a-7b6b-11e7-9d08-b79f191668ed_story.html> Acesso em: 30 de março. 2023.

WATTS, Jonathan; CONNOLLY, Kate. **World leaders react after Trump rejects Paris climate deal**. The Guardian, Rio de Janeiro e Berlim. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2017/jun/01/trump-withdraw-paris->

climate-deal-world-leaders-react> Acesso em: 29 de março. 2023.

WEINER, Mark. **Understanding Trumpism: Politics and Culture in an age of Globalization**. R. Dir. Gar. Fund., Vitória, v. 21, n. 2, p. 77-96, maio/ago. 2020.

Disponível em

<<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1807/551>> Acesso em: 29 de out. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19)**. Genebra. 2023a. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1> Acesso em: 7 de maio. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **United States of America Situation**. Genebra. 2023b. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/us>> Acesso em: 8 de maio. 2023

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO-convened global study of origins of SARS-CoV-2: China Part**. Genebra. 2021. Disponível em:

<<https://www.who.int/publications/i/item/who-convened-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>> Acesso em: 7 de maio. 2023.

YORK, Erica. **Lessons from the 2002 Bush Steel Tariffs**. Tax Foundation, Washington. 2018. Disponível em:<<https://taxfoundation.org/lessons-2002-bush-steel-tariffs/>> Acesso em: 17 de abril. 2023.

YORK, Erica. **Tracking the Economic Impact of U.S. Tariffs and Retaliatory Actions**. Tax Foundation, Washington. 2022. Disponível em:<<https://taxfoundation.org/tariffs-trump-trade-war/>> Acesso em: 17 de abril. 2023.